



Panóplia

ANTOLOGIA

ENTRE PÁGINAS & VERSOS

ORGANIZADORA
ANDREIA MARQUES

ENTRE PÁGINAS & VERSOS

Organizadora: Andreia Marques

1ª edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2024

Entre Páginas & Versos

© 2024 Editora Panóplia
www.editorapanoplia.com.br

Entre Páginas & Versos

Vários autores

Organização: Andreia Marques

Revisão: Dos próprios autores

Capa e Projeto Gráfico: Andreia Marques

Imagens: Pexels e Pixabay

1ª edição

ISBN 978-85-54018-62-7



Tipo de Licença:

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY- NC

Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que

o crédito seja atribuído à editora Panóplia.

Não pode ser alterada de nenhuma forma.

Não pode ser comercializada de nenhuma forma.

Entre Páginas & Versos

ENTRE PÁGINAS & VERSOS

Organizadora: Andreia Marques

SUMÁRIO

Aline Teixeira da Silva ...	12
Amália Costa ...	17
Andreia Santos ...	21
Angélica Teodoro dos Santos ...	25
Antonio Soares Lopes ...	31
Auricélia Melo Feijão ...	39
Beatriz Oliveira ...	42
Bianca Macedo ...	45
Carleane Soares Rocha ...	48
Cindy Marcelle...	52
Clarisse da Costa ...	57
Conceição Soares ...	60
Davi Querino da Silva ...	62
Dayane Ribeiro ...	65
Dayse Alves ...	68
Édson Ceretta ...	70
Eliane Menezes Soares ...	82
Emanuel Restier ...	90
Estephani Batista dos Santos Barros ...	93

Fabiana Esteves ...	95
Gilson Salomão Pessôa ...	99
Ísis Esteves ...	113
Josemeire Dias ...	115
Jubelita Silva Melo ...	118
Karina Oliveira ...	122
Lara Pissarra Cardoso ...	124
Letícia Galvão ...	128
Lídia Melo ...	131
Lilian Medeiros ...	134
Lisa Domingos ...	136
Lívia Melo ...	139
Lorrany Fernandes Viana Siqueira ...	141
Luciana Gomes ...	143
Luciana Seleimend ...	145
Luciane Pires ...	151
Luxor Kron ...	156
Luzz Souza ...	159
Magno Assis ...	168
Marcelo Pires ...	172
Marcolongo Ricardo ...	176

Maria Alíniza ...	180
Maria Chocolate ...	185
Matheus Andrade Almeida e Luccas Moraes	
Passos ...	187
Mayane Vitória de Ávila Silva ...	190
Mayhara Tavares Jorge ...	193
Michele Canez Dombkowitsch ...	195
Mirna Micheli Nesi ...	198
Monique Lima Angelo ...	207
Nathália Santas ...	209
Nice Neves ...	213
Noemia Rodrigues ...	216
Patrícia Rodrigues Rocha ...	220
Priscila Souza ...	222
Aparecida Renata Marques do Sacramento ...	225
Shirley da Rosa Garrido ...	228
Sidney Santborg ...	230
Sofia Lopes ...	233
Taiana Janaina Vargas Ribeiro ...	238
Tati Tuxa ...	241
Thais Faustino Bezerra ...	249

Thiago Zschornack ...	251
Thifani Kelly de Araujo da Silva ...	254
Vanessa Clasen ...	258
Vanessa Luciana ...	261
Wesley Mozer ...	263

APRESENTAÇÃO

Com orgulho, apresentamos “Entre Páginas & Versos”, uma obra onde as palavras ganham vida e se transformam em histórias que tocam o coração. Esta antologia - uma coleção de contos, crônicas e poemas - também é um portal para mundos imaginários e reflexões profundas, tecidos com a singularidade de cada autor.

Cada texto desta obra é um convite para se conectar com a riqueza da experiência humana sob diferentes prismas. Os temas são tão diversos quanto a própria vida: amor e perda, aventura e contemplação, esperança e desafio. Aqui, a liberdade criativa é a nossa bússola, permitindo que cada autor mergulhe em seu universo pessoal e compartilhe suas visões únicas com o leitor.

“Entre Páginas & Versos” busca inspirar. Cada texto é uma voz autêntica que ressoa com emoção e

significado, convidando você a se conectar, não apenas com as histórias, mas com as almas que as criaram.

Ao folhear estas páginas, deixe-se levar pelas ondas de imaginação e pela profundidade das emoções que permeiam cada palavra. Descubra novos mundos, encontre conforto nas reflexões e permita que a magia da escrita desperte a sua própria criatividade. Pois, a verdadeira jornada começa onde as últimas palavras de um autor encontram os olhos curiosos de um leitor ávido.

Este livro também é um lembrete de que as palavras têm o poder de curar, de inspirar e de unir, criando pontes entre diferentes experiências humanas. Portanto, ao final desta leitura, esperamos que você sinta que, de alguma forma, fez parte dessa jornada literária, carregando consigo a essência das histórias que compartilhou e que, talvez, tenha encontrado novas inspirações para sua própria jornada.

Que esta antologia se torne não apenas um livro

em sua estante, mas um companheiro de viagem que o acompanhará por muito tempo, iluminando momentos de introspecção e inspiração.

Com gratidão,

Andreia Marques

Organizadora



ALINE TEIXEIRA DA SILVA

Me chamo Aline e, apesar da pouca idade, sinto um amor fervoroso toda vez que escrevo. Espero poder seguir a carreira de escritora e publicar meus próprios livros, e o primeiro passo dessa escada da vida são as antologias.

SOBRE AS MINHAS SAUDADES

Quase vou morrer de saudades suas. Só não irei morrer porque tenho que agradecer a Vênus (ou qualquer outro Deus ou Deusa que tenha te colocado em meu caminho) todos os dias de minha vida por ter te incluído nela. Você foi extremamente necessário para a continuidade de minha existência, de um modo no qual eu imagino que você nem é capaz de imaginar. Não irei dizer "eu te amo" pois não vem de meu coração, e você saberia que é mentira pois o conhece até melhor do que eu mesma (afinal você já se perdeu em seus labirintos mais vezes do que se é possível contar, a ao invés de tentar fugir, se empenhou completamente em aprender todos os caminhos). Mas como diz Vini Queiroz: "...Te dedico os meus mais sinceros olhares..." eu também lhes dedico a minha mais sincera despedida.

Você me ensinou que pessoas em nossa vida são como o vento: Algumas aparecem como um furacão deixando a sua vida de cabeça para baixo, destruindo tudo que com tanto custo você conseguiu construir para si próprio, e a pior parte é que geralmente o furacão nunca

admite que ele é o culpado. Mas por outro lado existem ventos como os de verão, uma brisa fresca e gelado que nos refresca no momento mais necessitado, e é algo tão natural que se torna leve, queremos para sempre essa brisa conosco porém é um tanto quanto egoísmo, não paramos para pensar que outras pessoas também podem estar precisando delas.

Despedida não é uma coisa fácil, mas é um privilégio poder tê-la. É estranho pois ficamos pensando o que poderíamos ter dito se tivéssemos tido essa oportunidade, mas quando você consegue agarrar-la as palavras fazem um nó na sua garganta e você não consegue dizer tudo o que mais queria, então o remorso se torna algo inevitável.

Não vou mentir, vai ser difícil viver com a sua ausência. Mas isso é culpa do costume, que me acostumou a te ter por perto até nos momentos em que eu achei que você me deixaria.

Escrevo tudo isso pelas minhas saudades,estou lhe dando voz, elas já chegaram antes mesmo da sua partida.

Não tenho nem palavras para expressar a minha gratidão, você foi a minha brisa fresca no verão depois

que eu havia sobrevivido a um furacão.

Não posso te dedicar meus sinceros "eu te amo", mas posso te dedicar os "Obrigadas" mais sinceros já pronunciados por minha voz em toda a minha existência.

Despedida rima com partida, sempre lhe disse isso. Me lembro disso agora pois faz parte de um (dos muitos) poemas nas quais lhe escrevi e você nunca irá ler.

Você trouxe frescor e inspiração para a minha vida, mas peço desculpas por não conseguir expressar essa imensidão que você criou dentro do meu coração, e também dentro de mim. Você cravou suas raízes com gentileza dentro da minha alma, e através delas me deu um pouco da sua também.

Muitas coisas entre nós foram sentidas, pouco faladas. Porém o mais importante é saber que elas existiram, e foram vividas.

Quase vou morrer de saudades suas. Só não irei morrer porque levo o que você me ensinou (coisas que eu nunca aprenderia nem nos próximos cem livros de poesia ou filosofia que eu fosse realizar a leitura) como um sussurro em meu coração; calmo, sereno, quase não ouvido por pessoas que não escutam com o coração, mas

sempre presente.



AMÁLIA COSTA

Meu nome é Maria Luiza, tenho 19 anos, sou Técnica em Administração e Estudante de Comércio Exterior, escrevo poemas desde os meus 12 anos e possuo o Instagram profissional onde faço publicações do meu trabalho, @amaliacostaescritora. Minha primeira antologia foi em Projeto Escritores de 2021 e possuo 5 antologias em processo de lançamento e estou trabalhando no meu primeiro livro.

ARISTÓTELES

Por muito tempo fui Platão
Busca desesperada pela perfeição
Criando cenários e materiais para substituir o coração
Reflexo de paixão e ilusão

Mas quis o destino que nos encontrássemos na escola
peripatética
De todo o sentimento era cética
Mas teus olhos e sorrisos me puxavam e interagiam como
uma força magnética
Me fez pensar a mistura de nossas genéticas...

Me tornei Aristóteles, e partilhei de sua pessoa Eros e
Philia
Teu corpo quero ter todo conhecimento e em versos fazer
filosofia
Ficar contigo em atraso da vida e atrofia
Ser a arte de minhas letras e levar do cartório um
documento assinado com tua ortografia

MAQUIAVEL

Em roupas de vida faço remendo das memórias com as
carências

Com orgulho engoli as mágoas para minha sobrevivência

Os ventos e vozes sopram a tua ausência

É o suor e as lágrimas que ponho nessas letras, na
esperança que ontem a minha existência

Em família, amigos, nos jogos e guerras, você sabe que
não é “a escolhida”

Agora você é você e o espírito santo no próprio time, por
um triz fui salva e acolhida

Com Deus e meu amado, estou indo ao universo,
passagem só de ida

Maquiavel, me tornei uma quimera

Em meu reinado, com a autoridade de leão aterrorizo os
lobos e os infernos com as suas feras

Sou a raposa, conheço as armadilhas

Minha angústia e produtividade são a minha manilha

A dor é para a força a estilha

SOL NO ANOITECER

E na doçura dos teus olhos me entreguei...

A vulnerabilidade eu me achei...

Aos teus beijos eu me apeiço...

Nada é comparado a tua companhia e a paz que eu
carrego.

Os lanches ao entardecer...

Beijos com gosto do teu café amargo, minha paixão chega
fervor!

Amor... A maneira em que dois corpos em um só passa a
se viver.

Deitar em teu peito é o meu sol mesmo no anoitecer...

Em meu navio tu és as velas contra as ventanias e a
tempestade...

Me corrompo, és lascívia, conforto e vitalidade.

Sou a mais sortuda entre as mulheres, encontrei meu
confidente em minha cara metade...



ANDREIA SANTOS

Jornalista, Mestre e Doutora em Literatura e Interculturalidade - Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Professora Universitária.

RUA: CENTRO DA VI(D)A

Eu capitaneio as minhas ruas

A rua é a casa do meu coração

Meu balaústre

Não sei se ela que me sustenta ou eu a sustento

Com todas as nossas repulsas, compulsões e solidões.

Não apenas as esquinas

És o que és em todos os paralelepípedos ou os buracos
que me veem passar

Nos becos, que só quem conhece tuas artérias sabes que
existem

Em toda tua extensão dá-me a ilusão de Ser meu próprio
ser.

Em minha vadiagem - Que ganhou garbo e me fez um
flâneur

A rua sou eu e sou um pouco D'ela

Nessa simbiose, vamos existindo, co(Ex)istindo, insistindo,
SOBREvivendo, nos Maculando

Nessa vivência insalubre, me salva da solidão, pois a
esses olhos cansados nada em ti me escapas

Em que pese todos os teus defeitos ou vicissitudes, não

muito diferentes dos meus

Em teus dons consegues mudar o que sou.

Metamorfoseia-me

O que eu sou depende de ti e assim seja - caso queiras -

Bela Sombra/ Antiga/ Antiquada/ Ultrapassada/ Suja/ Exausta

Até mesmo em sua escatologia faz de ti o que és

Furtivamente aos meus olhos cansados

Completa minha vivência angustiante

Ela é a música que me embala

Nas tuas buzinas e sons de toda ordem

O tecido que me cobre

Munida de toda sorte de gentes

Não lembro mais o dia que me ocorreu que a rua poderia
ser minha

De lá ante então

É na rua que estão os fios

Os fios soltos da minha vida

Ela me escolhe

E diante da sua grandiosidade

Recolho-me a minha finitude

E num gesto egoísta

Comporto-me como qualquer transeunte

Apenas de passagem

Não deixo que descubram que rua que é o que ainda cabe
de humano em meu ser desumano



ANGÉLICA TEODORO DOS SANTOS

Angélica Teodoro dos Santos, carioca, formada pela Universidade Federal Fluminense em Letras, onde também cursou Pós-Graduação em Literatura Infantojuvenil. Atualmente, exerce o cargo de professora de língua portuguesa, literatura e redação na rede pública estadual do Rio de Janeiro, na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro e na rede privada. Leciona no Instituto Geremário Dantas.

A DONA DO 4º ANDAR

Todos nós já passamos por situações limites, aprendemos a ser tolerantes, mas às vezes não conseguimos administrar nossas emoções e explodimos. A vida já é tão cheia de afazeres e preocupações e talvez um motivo bobo seja o estopim para uma ignorância com alguém. Há pessoas que parecem preparar o terreno para esses momentos de explosão, é o caso da vizinha do 4º andar.

Da janela da sala, ela avista meu quintal. Na casa, após o muro do prédio, eu moro. Meu quintal na verdade é uma pequena área com muitas plantas, com uma rede e uma capelinha para Nossa Senhora da Penha. Meu cantinho da natureza, onde acolho os pássaros, onde rolinhas fazem ninhos, onde me aventuro a plantar, por essa razão o telhado que cobre meu jardim é pequeno, a intenção sempre foi ter um pedaço do céu para olhar, deixar o sol se aproximar e a chuva democraticamente molhar todas minhas filhas verdes.

Acho que todos os moradores da cidade grande mereciam um pedacinho de chão para estar perto da

natureza, respirar um ar mais leve e colocar vez e outra as mãos na terra. Seria uma fuga do barulho intenso da cidade, do ar poluído e da paisagem cinza e sem graça. É assim que enxergo a benção de ter esse pedacinho de chão. Tenho capricho com ele, estou sempre varrendo, lavando, enfeitando, cuidando, ali é meu refúgio em dias mais difíceis, onde me deparo conversando com elas ou comigo mesma.

Porém a fulana do quarto andar ignora meus sentimentos, embora seja visível, ainda que lá de cima, que aqui embaixo não é um lixão ou terreno baldio. É visível para ela que é um espaço limpo e bem cuidado, mas como lhes disse, existem pessoas que se destinam a tirar nossa paz, ela é uma, explico o porquê.

Comecei a encontrar pedaços de pão no jardim, às vezes de torradas. Minha primeira ação foi pensar no pobre do meu filho. Será o Miguel capaz de jogar restos de pão ali? Pensei, imediatamente depois, que eduquei meu filho para nunca arremessar um nada na rua, quem dirá em casa. Ele saberia o caminho da lixeira. Mas por via das dúvidas perguntei. Perguntei também ao marido, vai que a mãe desse não tivesse...pois é, mas também não

era ele o causador do meu mais novo problema. E o pior é que as migalhas de pão iam se multiplicando e eu ia limpando. Ora bolas, é justo isso?

Em um final de tarde, da sala, ouvi barulhos no jardim, barulhos discretos, incessantes, repetitivos. Saio à porta e pego no flagrante a tal vizinha brincando de arremessar pedaços de pão para baixo. Vi quando ela repartia os pedaços e mirava feliz para o meu cantinho. Não é possível, meu Deus!!! Tinha ali, decifrado o mistério dos últimos meses! Não me pergunte como me senti, não tenho palavras que descrevam. Não era uma criança mal-educada que se divertia às minhas custas, era uma senhora dos seus 70 anos! Ela se divertia em sujar minha casa!

Era, portanto, necessário que eu tomasse providências, avisasse ao síndico, por exemplo. Mas minha tolerância e benevolência têm limites e gritei com a senhora rispidamente: “a senhora não jogue seu lixo para baixo”. A delinquente saiu da janela sem me responder e se escondeu como criança culpada. Senti-me vencedora daquele round. Problema resolvido.

Ledo engano, os meses passaram e ela voltou a

brincar, meu jardim voltou ser a lixeira dela e pasmem, achei além de pão, pedaços de presunto que as esfomeadas formigas logo tomaram pra si. Mais um momento de fúria, passei a tarde olhando pra janela dela, queria falar poucas e boas. Que atrevimento, presunto também???

A minha raiva, no entanto, foi dando lugar à reflexão: o que leva alguém a se debruçar na janela e jogar lixo no quintal alheio? Teria eu pena da minha algoz? Pena da sua vida sem atrativos, sem diversão, sem amigos? Fui criando, na minha mente, motivos para suas travessuras. Era uma idosa voltando a ser criança, a menina que ela foi de mãos dadas com a senhora envelhecida fazendo estripulias!! Era poético pensar assim. E eu já estava até tolerando seu crime doloso - já que tinha total intenção de acertar seus pãezinhos no meu quintal. Diante dessas constatações, uma sensação de empatia foi me convencendo a entender as ações atrevidas da vizinha, afinal o meu quintal se tornou pra ela o alvo da sua diversão, o seu entretenimento, uma pausa para a alegria. Talvez seja aceitável, no final do dia, varrer a sujeira em nome desse sorriso no rosto, dessa

volta à infância. Por que então tanta fúria do meu lado? Brigar com ela era uma luta desnecessária e os verdadeiros vencedores seriam: a raiva, a impaciência, a irritação. E eu estava completamente convencida disso? Não, mas com o tempo passei a aceitar suas migalhas resignadamente, como aceito as folhas trazidas pelo vento.



**ANTONIO SOARES LOPES
(DANTE)**

Natural de Sobral-CE onde nasceu aos 11 de junho de 1962, o autor, desde a mais tenra idade já demonstrava grande inclinação à arte da escrita, mesmo sem poder exercê-la em toda sua plenitude. Hoje, aos 62 anos, vem destacando-se em diversos segmentos literários ganhando gradativamente um espaço cada vez maior entre os escritores brasileiros contemporâneos.

CUMULONIMBUS

O sol brilhando no horizonte anunciava mais uma manhã de intensa atividade nas metrópoles, porém, uma pequena mancha escura vinda do além-mar e que pairava sobre o astro-rei, já causava alguma preocupação a tantos quantos a tinham notado. Ganhando gigantescas proporções a mancha se tornou uma nuvem de aparência assustadora, e de forma brutal tirou da nossa estrela diurna toda sua majestade e seu brilho salutar. O mundo parou.

Vagando ameaçadoramente sobre os oceanos, o espectro gasoso chegou às cidades. Elementos nocivos à vida humana pouco a pouco foram sendo espalhados pelos quatro cantos do universo ceifando a vida daqueles que se colocavam em seu caminho. Seus longos braços nebulosos alcançavam sem esforços os mais incautos sufocando-os e arrastando-os para paradeiros desconhecidos, sem a mínima chance de um breve adeus aos seus entes queridos que, desolados, caíam num

desespero sem fim; filhos choravam pelos pais, avós choravam pelos seus netos... O mundo se tornou mais frio e triste. Todas as atenções estavam voltadas para o combate àquele inimigo; as demais coisas perderam repentinamente toda sua importância. Esforços hercúleos foram realizados com o objetivo de acabar ou de pelo menos minimizar o efeito devastador daquele mal. Enormes ventiladores potencializados por peças fabricadas com metais nobres, inclusive o ouro, sopravam para longe aquelas nebulosas que indiferentes a tanto suor derramado, tomavam novas formas e retornavam mais assustadoras e cruéis, exterminando a vida de populares, sem distinção. Fétidos corpos jogados sobre as calçadas geladas serviam de chamariz a velhos abutres de diferentes espécies que, ávidos por carniça, disputavam com os vermes cada naco como se ali à sua frente estivesse o alimento que iria permitir a perpetuação de toda sua raça.

Por muito tempo a humanidade foi assolada por aquela calamidade que, desdenhosa, ia e vinha segundo a sua

vontade, recuando agora para dar vez a novas cumulonimbus e depois retornar mais forte continuando sua saga de algoz da humanidade, até que nossa fonte natural de luz volte a brilhar e extermine de vez essas mazelas.

FADO

O véu negro da noite ocultava a triste realidade daquelas mulheres que, assediadas por homens sedentos e famintos, transformavam em sorrisos suas dores ostentando um garbo emprestado e assim vendiam seus amargores transmutados em paixão impregnando nas alcovas suas inconfundíveis fragrâncias de jasmim inebriando o olfato daqueles incautos amantes, falsos senhores de suas próprias vontades que agora dependiam das mentiras daquelas damas para preencherem suas vazias existências dando em troca parques tostões e quiméricas promessas que jamais seriam cumpridas.

RENASCER

Nas ruas da minha cidade
Sob o sol que nos aquece
Do nada surge uma fada
Daquelas que não se esquece

Caminhar forte, decidido
Passeia por entre as flores
Deixando seu rastro perfumado
E o meu peito cheio de amores

De soslaio olha à sua volta
Seu olhar doce e insinuante
Percebe que, absorto, eu tornei-me
Cativo de sua beleza provocante

O vento atrevido, caprichoso
Afaga seus cacheados cabelos
E expondo seu corpo aliciante
Prostra-me aos seus pés sem apelos

Agora minhas paixões
Outrora contidas
Explodem no meu peito
Trazendo-me de volta à vida

SER POETA

Quisera um dia ser poeta
Para uma poesia criar
Poesia, porém, não se cria
Ela simplesmente nasce
Nasce de um sorriso
Seja ele dado ou recebido
Nasce do choro de uma criança
Quando vem ao mundo
Nasce da brisa que vem dos mares
Do cantar de um rouxinol
Nasce da necessidade de amar
De um olhar faceiro e sedutor
Que tira nossas forças

E nossas vontades, tornando-nos
Escravos das paixões e
Deixando dentro de nós
Uma única certeza:
Sendo assim, nunca seremos
Poetas

VOCÊ?

Evandro! Subjugado pela vida mundana perdeu quase tudo que tinha, no jogo, menos Rosa, sua jovem e infeliz esposa que limita-se a segui-lo de longe, logo desistindo e tomando rumo ignorado. Ele, sempre ladeado por ávidas mulheres, segue sua frívola existência. Entediado, busca novos ares. E encontra! Sobre um leito e ocultada pela penumbra alcoviteira, uma sedutora silhueta feminina abre seus braços num doce convite ao amor. Gemidos e sussurros ecoam traduzindo a cumplicidade daqueles amantes, quando Evandro, ainda entorpecido por tão fremente paixão, murmura: — Esse seu cheiro... É cheiro

de... Acende atônito a lâmpada do quarto e os amantes,
entreolhando-se assustados, gritam: — Você?



AURICÉLIA MELO FEIJÃO

Residente em Crato-CE.

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.

Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga_auricelia_melo / @auriceliamelofeijao

<https://www.instagram.com/auriceliamelofeijao/>

MUITO TEMPO OU POUCO TEMPO

Não sei se tenho muito ou pouco tempo
Para fazer o que gostaria,
De ir passear na casa da tia
E falar sobre sentimento.

Viajar para alguns lugares,
Sentir imensos prazeres,
E todos os olhares
Serão para todos os familiares.

O pouco tempo hoje
Se resume ao amanhã,
De sentar em um divã
E conversar com minha irmã.

O pouco tempo, a correria do dia a dia.
Não sou nenhuma maestria,
Pois eu não escondo minha estria
E saiba que eu amo a minha pátria.

Se você acha que tem muito tempo diante de tanto talento,

Então faça logo o que prometeu.

Não viva como um ateu,

Siga seu apogeu.

Saiba que a cada dia pouco tempo nos resta.

Não venha beijar a minha testa,

Me leve logo pra festa,

Deixe de tanta molesta.

Vamos fazer o que tem que ser feito.

Por favor, não bote defeito.

Ninguém é perfeito,

Abrace logo esse sujeito.

Seremos felizes do nosso jeito,

Corrigimos o que está imperfeito.

Nós não temos preconceitos

Diante de todos os sujeitos.



BEATRIZ OLIVEIRA

Nascida em um dia ensolarado, sendo a primeira e única filha, nasceu nos anos 2000. Carinhosamente conhecida por Bia, ela se considera a criatividade e arte em pessoa. Beatriz tem seu berço, a cidade de Caxias - MA, no mesmo solo do ilustríssimo romântico Gonçalves Dias e, como ele, se dedica às Letras desde os 19 anos. É participante em antologias poéticas e pesquisadora sobre Literatura de Cordel.

TIJOLOS

O
amor
é uma
construção.
Mesmo que o
amor seja à primeira
vista, ele ainda é uma
construção.
Todos
os dias o
amor precisa
ser construído. Não
é uma questão de "eu estou
aprendendo a te amar" e, sim,
"eu
estou
construindo
o
meu

amor

por

ti"

Veja como amamos a Deus:

nós nascemos amando

e para amá-LO,

porém, alguns

de nós não

construímos

esse

a

m

o

...



BIANCA MACEDO

Olá, me chamo Bianca Macedo e adoro brincar de escrever poemas e histórias infantis! Sou pedagoga, pós-graduada em Neuroeducação e trabalho como professora de Educação Infantil no Sesc RJ. A literatura infantil e a poesia são tão importantes pra mim que estão presentes no meu trabalho e no meu lazer.

AMANHECI

Amanheci inverno

Sem o seu calor nos lençóis

Na fronha, não mais o oásis do seu perfume

Somente o choro que ainda teima em ser oceano

Foram tantos planos

Que está difícil descosturar essa trama de fios

O pote estava cheio

Depositei tudo ali

Agora o que faço com esse vazio

Que deixaste aqui?

Seguir em frente já não é mais opção

É estrada de mão única agora

Por que será que mesmo em movimento me sinto
congelada no que achava que fomos?

Por que ainda não vislumbro que exista um depois do
depois?

Amanheci inverno

E vou esperar o entardecer

Talvez eu suporte

Mais um dia sem você.



CARLEANE SOARES ROCHA

Carleane é uma professora de 38 anos, casada e mãe dedicada de dois filhos, residente no município de águas Belas - PE. Apaixonada por observar as pessoas e apreciar a natureza, encontra nas pequenas coisas da vida sua maior inspiração. Leitora ávida de poesias e ficção, desenvolveu um amor pela escrita, onde expressa suas reflexões e sentimentos. Suas experiências de vida e sua observação atenta do mundo ao seu redor enriquecem suas aulas e suas palavras.

**QUANTOS FINS DE SEMANA VALEM
A VIDA DE UM VERME?**

Voltei a ler Machado, o grande Assis,
Brás Cubas e suas memórias,
Extravagantes, polêmicas, enfim.

Repercussões em discussões de agora,
Um exemplar em quadrinhos reencontrei,
Admiração da adolescência, confirmei.

Dessa vez, algo mais vi,
Um ser, personagem quase esquecido,
Um mérito por sua simples condição de existir.

Que honra há em viver,
Cumprir uma tarefa natural,
Brás Cubas, com sutileza,
revelou seu brilho real.

Dedicou suas memórias ao verme,
Primeiro a roer suas carnes frias, Por que tal mérito
a um ser de vida tão vazia?

O verme, nada fez,
Seguiu sua natureza grotesca,
Machado, mistério em suas linhas.

Refletimos sobre o verme,
Cumprindo sua missão única,
Viver, servir, morrer, existência efêmera.

Por que complicamos tanto?
Impondo condições, altos valores inalcançáveis,
O verme, quem sabe, tem a resposta que buscamos.

Quantos fins de semana valem a vida de um verme?
Fez nada, só seu propósito cumpriu,
Puro, simples, repulsivo, tão vil.

Machado, em excelência, mais uma vez,
Antecipando conhecimentos, a pensar nos faz,

Pensamentos sórdidos, em um sábado de chuva, de manhã.



CINDY MARCELLE

Escritora, sonhadora e estudante da área da saúde. Tenho crescido com a literatura, e ela tem tomado espaço a cada dia no meu eu.

CLARA E SEUS CACHOS MÁGICOS

Havia uma pequena cidade onde os dias passavam tranquilos, envoltos em uma bruma de rotina e previsibilidade. Mas havia uma menina que brilhava de uma maneira única, como se fosse um raio de sol entre as nuvens. Seu nome era Clara, e seus cabelos cacheados eram um espetáculo à parte, dançando alegremente a cada movimento que fazia.

Clara não era apenas uma menina de cabelos cacheados; ela era um turbilhão de criatividade e inteligência. Enquanto outras crianças brincavam de esconde-esconde e queimado, Clara inventava mundos inteiros em seu quintal. Seus cachos, que pareciam ter vida própria, eram a moldura perfeita para uma mente fervilhante de ideias.

Um dia, Clara decidiu transformar a velha árvore no fundo do quintal em uma casa na árvore mágica. Com suas mãos pequenas e ágeis, ela decorou os galhos com fitas coloridas, prendeu luzes pisca-pisca e criou um lugar encantado onde suas histórias ganhavam vida. Ali, ela se

sentava com seus amigos, inventando histórias de reinos distantes, aventuras heroicas e criaturas fantásticas. Cada visita à casa na árvore era uma nova jornada, onde a imaginação de Clara se misturava com a realidade, criando momentos inesquecíveis.

Na escola, suas redações eram sempre aguardadas com ansiedade pela professora e colegas. Cada história era uma viagem a um mundo desconhecido, onde os leitores podiam sentir a brisa salgada de um mar imaginário ou o calor de um deserto repleto de segredos. Seus desenhos, sempre cheios de detalhes e cores vibrantes, enfeitavam os corredores da escola, lembrando a todos que a imaginação não tem limites. E quando alguém precisava de ajuda com um problema complicado, Clara estava sempre pronta com uma solução engenhosa e surpreendente.

Clara também tinha um lado brincalhão que encantava a todos. Era conhecida por suas travessuras bem-humoradas, como esconder pequenos bilhetes engraçados nos cadernos dos amigos ou inventar jogos novos no

recreio. Sua presença iluminava o dia de qualquer pessoa, e seu riso contagiante era capaz de afastar qualquer tristeza.

Certa vez, a cidade decidiu realizar um concurso de invenções para crianças, e Clara, é claro, não poderia ficar de fora. Ela passou semanas criando um invento que, segundo ela, resolveria todos os problemas das pessoas. No dia da apresentação, Clara subiu ao palco com uma máquina feita de peças de brinquedo, elásticos e uma velha caixa de música. Era uma “Máquina de Sorrisos”, como ela a chamou.

Com sua máquina, Clara explicava que qualquer pessoa que estivesse triste só precisava girar uma manivela, e a máquina tocava uma música alegre, soltava confetes e contava uma piada engraçada. Ao final da demonstração, a plateia estava em gargalhadas e aplausos. Clara não ganhou o prêmio principal, mas seu invento se tornou o mais querido de todos, pois lembrava a todos da importância da alegria e da simplicidade.

Os anos passaram, mas Clara continuou a ser a menina dos cachos mágicos, das ideias brilhantes, da inteligência perspicaz e das brincadeiras alegres. Suas criações cresceram com ela, e a pequena cidade foi se transformando, influenciada pela sua imaginação sem fim. Hoje, Clara é lembrada não só como a menina dos cabelos cacheados, mas como a criadora de sonhos, a garota que ensinou a todos que, com um pouco de criatividade, inteligência e alegria, qualquer coisa é possível.

E assim, na memória de todos, Clara continua a dançar, com seus cachos ao vento e suas ideias a iluminar o mundo, como um farol de inspiração para todos que ousam sonhar e brincar.



CLARISSE DA COSTA

Escritora e designer catarinense. Atuante em revistas literárias e organizadora de antologias pela Editora Contos Livres. Livros publicados em 2022: *Hiper-grafia* em parceria com o escritor Samuel da Costa e o livro solo *Nagô das Negras*.

EU TE ESPEREI

Eu te esperei na geometria da pele,
do inóspito sentimento.
Instável, confuso e profundo!
Eu te esperei quando não cabia mais sentir
ou fugir de mim mesmo.
Mas todas as folhas da estação caíram
e eu nem sequer senti o teu cheiro.
Se alguém perguntar onde está o meu olhar
vou dizer que está a te procurar.
Nessa espera tortuosa faltam palavras.
Meu silêncio é o gesto que tenho
para subscrever meu ato em te esperar.
A vida é de fato assim,
intrigante, envolvente, constante...
Constantemente somos
desafiados,
levados para caminhos inesperados.
Não me envolvesse no teu
corpo
ou sequer reservaste um espaço para mim.

Esse teu coração vazio é como um abismo
que guarda dores e ali nenhuma flor sobrevive.
O que em você vive? Sei que o meu coração ali não está.
Embora fales de amor,
como se soubesse cada linha desse sentimento,
assim carregas contigo dores e sofrimentos.
Deixa dúvidas e lamentos.
Como crer que existe algo tão profundo dentro de ti?
Afasta de ti qualquer possibilidade.
A vida segue e o teu sorriso é apagado por aquela solidão.
Destrutiva, fatídica e vazia!



CONCEIÇÃO SOARES

Pedagoga, psicopedagoga, escritora, contadora de histórias, poetisa, cordelista, membro efetivo de academias de literatura e participa de diversos grupos literários. Nasceu em Fortaleza, Ceará. Desde criança é apaixonada por histórias que ouvia de sua mãe e de sua bisavó. Quando aprendeu a ler, antes dos seis anos de idade, tornou-se uma leitora assídua e já escrevia pequenas histórias.

POETIZAR...

A Poesia transforma vidas
Resgata a alegria de viver
Viver em perfeita harmonia
Momentos de pura alegria

Ser feliz eis a questão
Não torne isso impossível
Agradeça cada minuto
Mesmo não sendo infinito

Sorria, viva a vida
Em forma de poesia
Aprecie com louvor
Celebre o amor

Seja luz, transborde amor
Irradie vidas com poesia
Encante a todos
Com a arte da escrita
Viva a poesia!



DAVI QUERINO DA SILVA

Psicanalista clínico, professor de Arte, Arteterapeuta e Analista Comportamental - DISC. Graduado em Artes Plásticas - UFPB - Especialista em Arteterapia-UFPB. Especialista em Psicanálise - FAVENI. Formado em Psicanálise Clínica. Mestre em Ciência da Educação. Doutor em Ciências da Educação - ABSOULUTE CHRISTIAN UNIVERSITY. Pós-Doutor em Educação.

O PSICANALISTA

Psicanálise, ciência do ser,
Desvenda mistérios, nos faz renascer.
Nas palavras ditas, o alívio se esconde,
E o eu verdadeiro, enfim se responde.
Em um divã de segredos ocultos,
Sentam-se almas em busca de cura,
O psicanalista, guardião dos sonhos,
Descortina a mente, traça a lisura.
Com olhar atento, escuta o silêncio,
No falar hesitante, lê entrelinhas,
Cada palavra, um fragmento do todo,
Cada suspiro, um eco de feridas antigas.
Nas camadas profundas do inconsciente,
Navega sem medo, desbrava a dor,
Reconhece no outro, o espelho de si,
E na troca sincera, floresce o amor.
Entre traumas, desejos e medos,
Constrói pontes de compreensão,
Resgata memórias, solta amarras,
Oferece à alma nova direção.

Ser psicanalista é ser intérprete,
De uma linguagem sutil, singular,
É dar voz ao que antes era mudo,
É permitir ao ser, enfim, se revelar.



DAYANE RIBEIRO

Dayane Ribeiro Silva Lima, casada, mãe de um menino, nasceu em Esperança/PB, mas cresceu e construiu a sua família na cidade de Barra de Santa Rosa/PB, local este que tem sido fonte de inspiração para os seus versos. Possui formação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Especialização em Docência em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

SEXTILHAS DE SAUDADES

(Poema em homenagem ao meu pai, Carlos Antonio)

Oh, saudade!
Que bate, de forma, exacerbada.
Chega a intensificar a tristeza,
Causando uma dor exagerada.
Pela ausência de quem já se foi,
Cujo céu, agora é a sua morada.

A voz que aconselhava,
Numa noite triste, se calou.
Um intenso silêncio sonoro,
Em nossos corações, ecoou.
É tempo do pó voltar para terra,
Pois, a sua alma já descansou.

Se a despedida é deplorável,
A ausência é algo avassalador.
Ao ver seu lugar vazio à mesa,
Evidencia, que ali alguém faltou.

Só Deus, como refúgio e fortaleza,
Para sustentar, quem de luto ficou.

Oh, saudade!
Que bate, de forma, exacerbada.
Só o tempo, converte a tristeza,
Trazendo o conforto e a paz almejada.
Descanse em paz, meu ente querido,
Pois o céu, agora é sua morada.



DAYSE ALVES

Professora de Dança, Bailarina e Coreógrafa no Projeto Luar de Dança. Comunicadora na Rádio Ativa FM onde apresenta, desde 2019, o Programa Mulher Ativa. Escritora, pesquisadora e poetisa que mantém, desde 2011, o blog Educar para Transformar, onde relata suas experiências na educação e no terceiro setor. Produtora Cultural, atua para o acesso de artistas e trabalhadores da Cultura à recursos públicos e aprovações em editais.

EU MEREÇO

A educação que mereço é a melhor Educação.
A educação que, como na família, é passada com afeto.
A educação que me leva querer saber o que não sei,
Descobrimo e despertando, a cada etapa,
O que ainda muito descobrirei.
Não consigo ver gente como “coisa” diferente.
Gente pra mim é tudo igual,
Mesmo que seja apenas aparente.
Por isso acredito que a educação deve ser suficiente!
Para que as pessoas descubram o mundo.
E busquem soluções para as inquietações do presente.
Assim acredito que deve ser toda a gente.
Pensante, atuante e jamais indigente!

*Escrito em Outubro de 2015 dentro da CFFA. Poema ficou
exposto por 1 mês no mural.*



ÉDSON CERETTA

Formado em Direito, sendo uma de suas especializações “Educação Inclusiva – Libras”. Apaixonado pelas letras, a escrita de Ceretta começou a ganhar vida, a partir dos 12 anos. Escreve contos, crônicas, poesias e romance. Também faz edição e revisão de livros, tendo atuado em mais de duas dezenas de obras de autores locais e regionais. Atualmente, vem participando de dezenas de antologias literárias, em nível nacional e internacional. Em seus textos, utiliza-se também de pseudônimos, como “César de Tonet”, “Cosette D’Anré”, “E.R.O. Ceretta”, além de outros. É servidor público federal e autor dos livros: “À sombra do 13”, “Crisântemo verde – Volume 1 – Série Flores poéticas” e “Metamorfose”. Ocupa a cadeira nº 12 da Academia Rondonopolitana de Letras - ARL. Casado com Catiane Ceolin Ceretta, é pai de Olívia. Instagram: @edson.ceretta.escritor.

COMPREI UM CAVALO À MINHA FILHOTA

(Édson Ceretta)

*À Olívia,
que carrega na alma
um espírito aventureiro.*

- 1 -

Fui ver um cavalo pra minha filha,
Pra minha filha, fui ver um cavalo...
Ela queria tanto, puro encanto.
Ela queria tanto, puro encanto.
Queria alazão; queria alazão; queria, queria, queria;
Queria alazão; queria alazão; queria, queria, queria; queria!

- 2 -

Mostrei um cavalo à minha filha,
À minha filha mostrei um cavalo...
Ela sorriu pra mim, sorriu assim...
Ela sorriu pra mim, sorriu assim...
Sorriu com o alazão; sorriu com o alazão; sorriu, sorriu, sorriu;
Sorriu com o alazão; sorriu com o alazão; sorriu; sorriu, sorriu;
sorriu!

- 3 -

Comprei um cavalo à minha filha,

À minha filha, comprei um cavalo...

Ela ficou feliz, muito feliz.

Ela ficou feliz, muito feliz.

Feliz com o alazão; feliz com o alazão; feliz, feliz, feliz;

Feliz com o alazão; feliz com o alazão; feliz, feliz, feliz, feliz!

- 4 -

Montou no cavalo a minha filha,

A minha filha montou no cavalo...

Segura pelas rédeas, pelas rédeas.

Segura pelas rédeas, pelas rédeas.

Espera, alazão; espera, alazão; espera, pera, pera;

Espera, alazão; espera, alazão; espera, pera, pera; espera!

- 5 -

Andou com o cavalo a minha filha,

A minha filha andou com o cavalo...

Andar é terapia, só alegria.

Andar é terapia, só alegria.

Troteia, alazão; troteia, alazão; troteia, teia, teia;

Troteia, alazão; troteia, alazão; troteia; teia, teia; troteia!

- 6 -

Correu com o cavalo a minha filhota,
A minha filhota correu com o cavalo...

Emoção é cavalgar, na pista estar.

Emoção é cavalgar, na pista estar.

Galopa, alazão; galopa, alazão; galopa, lopa, lopa;

Galopa, alazão; galopa, alazão; galopa; lopa, lopa; galopa!

Obs.: *Paródia à canção popular infantil “Eu tirei um dó da minha viola” (Brasil).*

O BRILHO DO NATAL

(Cosette D’Anré)

Guirlandas dão boas-vindas.

Às casas, levam mais vida,

Multi colorido e encanto.

À mesa, a família se reúne

Para a ceia, como é o costume.

É véspera do dia santo.

Na sala, a atração está no centro.
Montado, eis um rico presépio
E os símbolos da Natividade.
Jesus na manjedoura, José e Maria.
Estábulo, animais e estrela-guia.
Anjo, reis magos e religiosidade.

Ao seu lado, cintila o pinheiro,
Majestoso, enfeitado, ordeiro.
Braços abertos a mil direções.
No topo, imponente, estrela se destaca.
No corpo, bolas e presentes se realçam,
Com sinos, fitas, luzes e cartões.

Em uma mesinha, reservado canto,
Estão as velas, acesas, um tanto.
Anunciam a fé, sua veia vital.
Vozes e mãos dadas em oração,
Entoam cânticos com o coração.
Inapagável é o brilho do Natal.

O ÚLTIMO ATO

(E.R.O. Ceretta)

- 1 -

Meu amor,
Te espero para o nosso último ato.
Será longo e triste, mas perfeito.
Será perigoso e tenso, mas eterno.
Como ator,
Represento emoção à plateia,
Vivo uma angustiante odisseia.
Ali, meu medo eu externo.

- 2 -

Vem cá, amor!
Não demores para ver a criação!
Aos teus ouvidos, será como canção,
Nesse doce e fatídico enredo.
Como senhor,
Te espero para bailar nesse palco.
Pois, ó Deus, sei que daqui não escapo
E tampouco, ao mistério, retrocedo.

- 3 -

Corre, amor!

Antes de chegar, te sinto por perto.

Vem e sente meu pulso inquieto,

Com batimentos ingovernáveis.

Emotivo ator.

Concateno imagens na cabeça,

E me remexem nas cenas da peça,

Deixando os instintos mais vulneráveis.

- 4 -

Revela-te, amor!

Renasce Eneida como prosopopeia,

Na magia de Virgílio e sua epopeia.

Tu sobes as escadas, resplandecente.

Sagaz ator.

Eu pressinto no ar uma ameaça,

Uma sedenta nuvem de desgraça.

No estrado, o mal surge fumegante.

- 5 -

Apressa-te, amor!

Como fênix enigmática e formosa,
Trazes finta no sorriso, és cabulosa.
Seduz, como espetáculo ensandecente.
A dor do ator.
Do amargor, cresceu o rumor.
E no estupor, sobreveio a dor.
A esse humano, alma jazente.

- 6 -

Chora, amor!
Não aguento mais, meu tronco arde.
Vê, eu já caí, e tu chegaste tarde...
Em tuas mãos, só há um corpo.
Impávido ator.
Olhos abertos, o último suspiro.
Morri, no engodo, por um tiro.
Sobre o terraço, sou só um sopro.

- 7 -

Rende-te, amor!
Esse miserável ser, esse espectro,
Agora está mais vivo, mais circunspecto.

Teu pecado vai custar tua perdição.
Embuste e dor.
Ao enganá-lo, óh, bela mortal,
Carregaste para ti todo o mal.
Para sempre, corpo dele, tua prisão.

POETA DE VAGA-LUMES

(César de Tonet)

Uma razão para continuar,
É o que almejo, por frenesia.
Aspirar boas ideias, novo ar,
Reverberando minha poesia.

Mas, por aqui, onde pelejo,
O poetar não está na meta.
Adversos, hão outros desejos.
Não há espaço para um poeta.

Pela noite, saio à procura -
Por companhia, tenho a lua,
De razões a meu labor, loucura,
Declamando ao léu, só, pela rua.

Sentado num banco, perto da praça,
Sentindo do jardim tenro perfume,
Perpasso textos, em modos e graça,
Rodeado de radiantes vaga-lumes.

SOU DESSE PLANETA

(Édson Ceretta)

Sou, sim, dessa parte
Da Terra, não de Marte,
Um humano que faz arte,
Sonhando com janela aberta.

Hoje, tenho consciência,
A tecnologia e a ciência,

Avançar, pois, é a essência,
Seres atrás de descobertas.

Tudo é magnífico decerto,
Há doce rosa do deserto,
Há um riacho por perto,
Local prodigioso pra viver.

Passam meses, passa ano,
Seja primavera ou outono,
Tempo certo, sem engano,
As flores irão florescer.

Aqui, somos mortais,
Diferentes ou iguais,
Para viver bem e na paz,
A lei é preservar o natural.

Eu sou desse planeta.
É azul e não violeta,
Aqui, a vida é completa.
O ecossistema é crucial.

Há rica fauna, rios e cascatas;
Clima agradável e muitas matas;
Riquezas minerais, como a prata.
Planeta frio e quente, contrastes.

Não é uma esfera perfeita,
Mas, é um fascinante planeta.
Mais de 70% d'água, sua faceta,
E ainda há gravidades diferentes.

Dos humanos é conhecido.
Nele, somos favorecidos.
Tem um escudo, é protegido.
É terra boa para se permanecer.

É provado. Não há outro lugar
Assim. Da Terra, temos que cuidar.
Planeta de forma esferoidal, nosso lar.
Unamo-nos! Não há um plano "B".



ELIANE MENEZES SOARES

Sou da geração X, ou geração Coca-cola, como preferirem. Sou Fotógrafa, Designer Gráfico, Social Media, proprietária do Estúdio EfeitoBemFeito. Com cinco cursos publicados pelo Intituto Denver, na área de fotografia, produção de eventos e artesanato, além de produzir meus próprios cursos na área de papelaria personalizada. Sou Mãe da Giulia – amor da minha vida – e apaixonada por escrever. Já participei das antologias “Cartas de Amor” e “Sentimentos Escritos”, ambas pela Editora Panóplia.

DOM QUIXOTE DA AREIA

Paula seguia sua rotina caminhando rapidamente entre as vielas e ruas lotadas de gente como ela, correndo, quase volitando, para seus trabalhos, consultas médicas e as mais variadas e enfadonhas rotinas de um reles mortal. Ela corria contra o tempo, olhos vazios que não se apegavam a nada, pensamentos distantes, entrecortados apenas pelos seus suspiros desiludidos com sua vida comum e sem graça. Depois de disputar lugar no ônibus e no trem, agora descia correndo as escadas rolantes, lentas demais para sua pressa crônica. Conseguiu entrar no vagão do metrô e milagrosamente sentar-se no cantinho, espremida pela multidão que se seguiu logo após. Deu um risinho contido e que imperceptível, comemorando seu grande feito do dia: viajar sentada por 25 minutos até seu destino final.

O emprego não era grande coisa para suas ambições adormecidas e devoradas pelas necessidades imediatas. Era recepcionista em uma clínica. Resmungava sozinha:

— Que vida horrorosa essa minha... corro tanto para chegar aqui e tenho que ficar o dia todo olhando para esse monte de doentes estropiados... o que eu fiz de mal nessa vida? Só tenho vinte e cinco anos, e preciso desse maldito emprego para ajudar uma família que não está nem aí pra mim... Que sina, meu Deus!

E assim o expediente corria, com sua mente divagando nos porquês de sua vida ser tão triste e miserável.

Mais um dia se inicia, com a mesma turbulência em seus passos e sua mente. Era feriado, mas Paula teria que comparecer ao trabalho por meio período. Novamente sua rotina de resmungar começou com ela se vitimizando no porque ela deveria trabalhar e todos da sua família iriam aproveitar o feriado. O dia estava lindo, com sol e com certeza iriam passear sem ela, já que ninguém a amava, segundo seus pensamentos e conclusões. Seu patrão era um déspota, um monstro... Como exigiu que ela e a outra funcionária comparecessem ao trabalho em pleno feriado?

Ao meio-dia o expediente foi encerrado e sua colega de trabalho perguntou:

— Vai pra casa, Paula? Por que não vem comigo até a praia? É só atravessar a rua e já estaremos com nossos pezinhos na areia, sorriu docemente Ana Cristina.

— Praia?, respondeu assustada. Nesse momento ela se deu conta de que nunca havia reparado eu sequer olhada a praia em frente ao seu trabalho. Chegava muito cedo, engolida por suas lamúrias, sequer ousava olhar em volta de si mesma. E ao sair, já era noite e a corrida pela condução de volta para consumia toda a sua atenção.

— Vamos, Paulinha. Vai ser bom pra gente relaxar.

— Certo, respondeu encabulada.

Atravessaram a pista e eis que surge à sua frente uma imponente faixa de areia, acariciada constantemente por ondas sinuosas e lânguidas, num balé lascivo e constante... Seus pensamentos divagavam e a distraiam profundamente, e sem perceber afastou-se de sua colega, que havia encontrado alguns conhecidos e parou para conversar enquanto Paula vagava como um zumbi pelas areias úmidas. Sem que ela percebesse, uma bola a atingiu na cabeça, e ela foi ao chão. Por segundos ficou desorientada, e ao abrir os olhos estava sendo amparada

pelos braços fortes de um homem lindo, com um sorriso devastador.

— Você está bem? Consegue me ouvir? Pode levantar?

— Sim, sim...

— O que houve? Você veio direto para a área de vôlei, parecia uma sonâmbula... Poxa, Dulcinea, você fez o Dom Quixote aqui derrubar os moinhos para ter salvar, disse o rapaz, caçoando da situação...

— Meu nome é Paula e não Dulcinea...

— Sim, e eu não derrubei moinhos e sim a marcação do jogo para te socorrer, e também não sou o Dom Quixote. Ambos riram e ele deu a mão para que ela se erguesse.

— Onde estão seu cavalo e seu Sancho, Dom Quixote?

— Ah, você está lúcida, hahaha... Meu cavalo está estacionado ali, apontou para sua moto, e meu Sancho é esse aqui, o Toquinho, disse rindo.

Ela sorriu de volta e agradeceu, olhando nos grandes olhos castanho-claro do rapaz, contrastando com sua pele bronzeada e o sorriso extremamente branco. Por

pouco ela não ouve ele se oferecendo para acompanhá-la. Paula disse que iria para casa, pois sua amiga havia ficado longe, com outros amigos. Eles saíram caminhando, e conversando sobre amenidades e rotinas... Os pensamentos da jovem a levaram para longe, imaginando o rapaz a beijando, a salvando de sua família, carregando em seus braços fortes e fugindo para uma ilha longínqua onde poderiam viver seu amor tranquilamente.

— Olha, é seu ônibus... Paula, Paula...

— Ah, sim — disse ela, sem graça, voltando de suas divagações... Entrou rapidamente no coletivo quase vazio, sentou-se na janela e olhou mais uma vez para o seu salvador.

— Qual o seu nome? Gritou ela para o rapaz

— Dimas, meu nome é Dimas, respondi ele com seu sorriso que disparava o coração de Paula.

O ônibus partiu, e ela recostou-se na poltrona, suspirou profundamente e começou a imaginar um lindo convite de casamento com as iniciais P e D. Se imaginava experimentando lindos vestido de noiva, e também a cerimônia, a viagem de lua de mel, arrumando a casa

para o marido chegar, os dois dormindo juntos todos os dias, trocando juras de amor.

A rotina voltou ao normal, os resmungos diários, a revolta permanente, o entra e sai dos transportes, mas uma coisa mudou... Todos os dias, Paula passava pela praia, faixas longas caminhadas pela areia, olhava em volta, observava tudo, com chuva ou sol... Reparava em cada mudança... passou a conhecer pessoas, conversava com os donos de quiosque... tudo para tentar discretamente saber de Dimas...

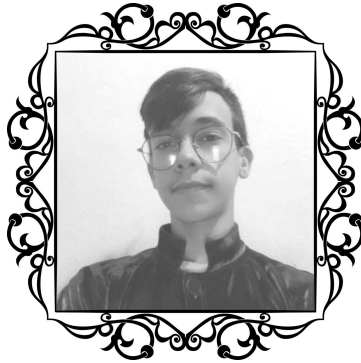
O tempo passou, dias, meses... até que num dia nublado, Paula caminhava pela areia e decidiu parar e admirar o horizonte. Ficou ali, estática, por muito tempo deixando seus pensamentos fluírem... Agora ela tinha um novo olhar para o mundo, mesmo que ainda não se conformasse com sua rotina, mas o mundo havia mudado. Ou ela havia se transformado?

Distraída, ela sentiu um toque em seus ombros, voltou-se para trás e a surpresa:

— Dimas! Ela exclamou com um sorriso enorme e muita emoção na fala...

— Minha Dulcinea... ele a abraçou com força.

Se olharam sorridentes, encostaram suas testas uma na outra... e enfim, om longo beijo selou o reencontro. Dali em diante, nunca mais se separaram e um completa os sonhos do outro...



EMANUEL RESTIER

Com recém-chegados dezessete anos, Emanuel Restier, enquanto multifacetado, constitui-se uno. Paralelamente, sua produção artístico-literária, sendo simulacro, indefinise. Aponta-se, entretanto, um certo apego à estética, às abordagens ontológicas e às psicossocialidades.

VAZAMENTO

minha poesia escorre
é espirro
expurgo
é fluxo
influxo
para dentro de dentro
se for fora é mentira
é peixe que morre
sem estar no mar
não sou mar
sou poça
vazia
sem água
minha poesia é morta
estrebucha
convulsa
atraí por ser lúcida
ou é só beleza?
sadismo vivo desta era?
alucina

é delírio!
é breve é curta
quando encerrará a labuta?
quando ela esmaecerá?
é infinda
não morrerá?
somente ficará o pernear
o bracejo doloroso
do peixe-poesia
que sofre
para sempre
sem ar
e a poça que vaza
se perde
se mata
encharca o mato
sem caminho
sem lar
ansiando o peixe
conseguir salvar
pois só ele
nessa terra
eterno será.



ESTEPHANI BATISTA DOS SANTOS BARROS

Meu nome é meu Estephani, tenho 18 anos. Comecei a escrever por causa de uma prima minha, que hoje não escreve, mas ela me ensinou a nunca desistir dos meus objetivos.

SENHOR DO PASSADO

Oh, Senhor do Passado,
Gostaria de voltar o tempo
E consertar meus erros.
Mas como não posso,
Irei caminhar
E aprender a seguir em frente.
Pois os erros nos ajudam a prosseguir.



FABIANA ESTEVES

Escritora e pedagoga, trabalha como orientadora pedagógica na Prefeitura de Duque de Caxias (RJ). Tem seis títulos publicados: “In-verso” (poesia, 2007), "Pó de saudade" (poesia e crônica, 2015), Maiúscula (poesia, 2018), “A Colecionadora de barcos” (infantil, 2019), ambos publicados pela Editora Katzen; “Coisas de sentir, de comer e de vestir” (infantil, 2020), e “Mãe também engole água salgada” (crônicas, 2024), ambos publicados pela Editora Panóplia. É mãe das gêmeas Laís e Ísis, de 16 anos. Faz parte do Coletivo Encantadores de Letras e organizou as duas coletâneas literárias do grupo.

COMO DE COSTUME

Levantei-me no mesmo vagar dos dias em que acordo sozinha, quando já foste trabalhar, mas para meu espanto estavas na sala, parecendo fitar-me. Eis que tu passas por mim, entras no banheiro, escovas os dentes, olhas cada um para ver se estão mais brancos, pois é preciso impressionar o chefe e os clientes. Tento lembrar se estamos brigados ou não, o que é extremamente difícil a esta hora da manhã. Nada me vem à memória. Em vão balbucio algumas palavras para confirmar se tu me ouves. Nada. Se tivemos brigas deve ter sido algo sério, penso comigo. Arrumas tua bolsa como de costume, bufando, e eu me perguntando por que não me lembro, começo a irritar-me, também como de costume. De nada adiantou bradar e quando bateste a porta dizendo como estavas atrasado – como de costume- um gesto ficou faltando, e voltaste sem pudor à beira da nossa cama para me dar o beijo de antes de ir para o trabalho, mas, pasmem, eu não estava lá, quer dizer, eu estava, sendo que tu não conseguias me ver, então, sem ar, saíste novamente, porta afora. À soleira, esperei teu gesto como de costume, mas

de novo passaste por mim como se não me enxergasse. Busquei os chinelos para ir ao teu encontro, calçando-os num automatismo louco, sem olhar sequer para o chão, abrindo a porta. Não te vi, vi apenas o vizinho vindo em minha direção com um risinho safado que me cobriu de rubor interno e externo. Não pude olhar para o meu próprio corpo mas ao apalpá-lo pude constatar o temível: estava completamente nua. Voltei correndo de marcha a ré e tranquei a porta, o homem porém a esmurrava sem dó, rindo de um jeito que é melhor que nem seja descrito. Bufando e resmungando – como de costume- subiste as escadas em velocidade. Soltei um suspiro de alívio, o vizinho afastara-se encabulado dizendo que errara de porta. Fizeste cara de quem não entendeu e passaste a chave na fechadura, vi tudo pelo olho mágico, abriste a porta tão abruptamente que despenquei no chão. Tonta, mal pude ver o que pegaste em cima da mesa, saíste tão rápido quanto entraste. Só mais uma briga, pensei, deve ter sido grave, ele deve estar chateado, só gostaria de saber o porquê de eu não conseguir me lembrar. Resolvi continuar a vida, isto deve passar, vou tomar um banho, antes lavar os olhos, colocar a lente... Mas o espelho, que

costuma refletir imagens, que devia refletir imagens, não refletiu a minha.



GILSON SALOMÃO PESSÔA

Meu nome é Gilson Salomão Pessoa, sou Funcionário Público formado em Jornalismo pela UFJF. Colunista com três livros publicados, participei de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela Editora Panóplia. Dentre os meus livros publicados estão o livro infantil “Sapo Tobias” e a antologia de contos “Terror não tem tamanho”, ambos pela editora Panóplia, o romance "Histórias de Titãs Quebradiços" e o livro de Poemas "Um Suspiro Resgatado", ambos pela editora Autografia. Ganhei por três vezes o prêmio literário de melhor conto em Matias Barbosa.

RESGATE EM AKALANTOS

Parte 1

1920. Cientistas do mundo inteiro, cansados de ver os seus inventos e pesquisas sendo utilizados para genocídios, ditaduras e guerras, decidem se reunir em segredo e criar uma cidade aérea, onde se refugiarão da humanidade para trabalhar em paz. O dinheiro para a construção veio com a venda de algumas patentes de inventos menores e inofensivos, mas que seriam amplamente utilizados pela humanidade. Através de contatos sigilosos com representantes nos continentes, eles seguiriam com esse comércio para assim poder comprar suprimentos, bem como novas peças e equipamentos, caso precisassem. Assim surgiu Akalantos, o refúgio de todas as mentes independentes e criativas do mundo. Sua localização nunca foi revelada, bem como a sua existência. Mesmo que isso acontecesse, eles estavam sempre se deslocando, o que minimizava qualquer tentativa de abordagem na mesma.

Estavam tão seguros de sua furtividade que perceberam com surpresa e medo um enorme zepellin se

aproximando. Não tinha brasões nem insígnias. Ficaram emparelhados por um tempo em silêncio. Cordas com ganchos foram lançadas nas bordas para facilitar a abordagem de um grupo de homens armados, que facilmente fez a cidade de refém. Os pensadores não conseguiam entender como tinham sido localizados, mas então se lembraram de Valentim Lohan, um cientista francês renegado que não queria abrir mão de seus lucros por uma causa nobre. Sua sede por fama e dinheiro a qualquer custo fez com que ele procurasse o notório mafioso russo Don Casimir, que tinha um plano bem nefasto e lucrativo em mente: criar um exército de autômatos armados e vender os mesmos num leilão internacional.

Mas nem tudo estava perdido. Antes de ir para o seu cárcere, o Professor Chermont acionou discretamente a sua pulseira, enviando um sinal de alerta para a sua irmã Nicole no continente. Era um plano de contingência que ambos haviam criado, caso acontecesse alguma coisa com algum deles. Bastava um leve toque que acionaria um localizador. Isso já mandaria a mensagem implícita: “Estou em perigo e precisando de ajuda”.

Era madrugada quando o bracelete da moça começou a emitir uma luz forte e desferir uma leve descarga de choque em seu braço. Acordou assustada e levou um tempo para se dar conta do que tinha acontecido, pois estava com aquele adereço desativado há tanto tempo que tinha se esquecido da sua verdadeira utilidade. Levantou-se rapidamente e fez um café enquanto pensava nas providências que teria que tomar, pois o acordo foi criado em função da vulnerabilidade dela e não dele.

Não poderia pedir ajuda nem à polícia nem ao exército, pois isso quebraria o acordo de sigilo assinado pelo cientista e teria sérias repercussões para o mesmo, incluindo a expulsão de Akalantos. Precisava de um mercenário ou um detetive particular. Acabou encontrando o segundo com mais facilidade.

Nicole bateu na porta do Inspetor Enzo logo cedo pela manhã, enquanto ele tomava o seu ritualístico capuccino que lhe dava ânimo para enfrentar o dia, especialmente no inverno quando a articulação do seu joelho doía mais, com um estilhaço de bala alojado que fez com que ele se aposentasse da polícia mais cedo. Seu

raciocínio ágil compensava a sua depauperada mobilidade. Era intimista, gostava de silêncio e tinha ojeriza a aglomerações de pessoas. Não era rabugento nem mal educado, embora fosse visto muitas vezes assim.

Estava prestes a levar a caneca à boca quando foi subitamente interrompido com aquela entrada de supetão da garota, quase derrubando o precioso líquido marrom em sua calça. Nicole era intempestiva e falava com pressa, ocasionalmente se distraíndo pelos itens do escritório em função de um leve déficit de atenção que era a sua marca registrada.

Depois de ouvir toda a história da moça enquanto tomava o capuccino, ele respirou pausadamente e disse:

– Mesmo que tudo o que você for verdade, pois parece ser bastante fantasioso...

– É verdade.

– Ok. No que eu posso te ajudar? Você nem sabe em que tipo de perigo ele está envolvido. Tudo o que você tem é uma pulseira brilhando.

– Meu irmão mais velho é excepcional e nunca pede ajuda. Com certeza é alguma coisa grave.

– Eu me locomovo muito devagar, porque tomei um tiro no joelho e você quer ir atrás do seu irmão que está em algum lugar do céu. É bizarro, surreal, improvável.

Nicole percebeu a dimensão do que estava pedindo e sentou-se por um momento para ponderar. Sentiu-se impotente e começou a chorar em silêncio.

– Eu não tenho mais a quem recorrer – ela disse – não posso pedir ajuda à polícia ou exército porque é um acordo secreto e ele pode ser expulso da cidade se eu fizer isso.

Parte 2

Enzo estendeu um lenço para ela e disse:

– Vamos ver o que podemos fazer na medida do possível.

Ela abriu um sorriso e disse:

– Vamos na casa do meu irmão. Deve haver alguma coisa que a gente pode usar.

– Mas ele não está na tal cidade?

– Sim, mas ele tem um sítio aqui nos arredores, onde ele guarda os seus inventos. É tipo um depósito para as coisas dele. Prefere guardar aqui pois não confia completamente nos seus colegas de trabalho. Ele sempre se preservando. É muito desconfiado. Acho que vocês iriam se dar bem.

– Porquê?

– Ele é caladão, reservado, igual você.

Foram de carro até a localidade, que parecia não ser visitada há muito tempo. Os sinais óbvios eram a imensa quantidade de poeira e teias de aranha que estavam por todo lugar.

– Será que aqui tem algum balão ou aeroplano?

– perguntou Enzo com um certo tom de ironia – porque senão vai ser difícil alcançar o seu irmão cientista no céu.

– Vamos manter a fé e procurar. Na pior das hipóteses vou ter que confiar em um avião mesmo.

– Porque você não foi direto em um deles?

– Porque o avião pode contar para os colegas e aí o segredo já era. Eu estou procurando ser a mais discreta possível para ajudar sem causar mais problemas.

Olharam pela casa e não acharam nada. O inspetor não estava surpreso. Estava achando tudo aquilo uma maluquice sem fim, mas estava comovido pelos esforços e o entusiasmo da garota. Estava pronto para ir embora quando ouviu ela gritar:

– O porão! É óbvio! – disse dando um tapa na própria testa.

Seu parceiro continuava cada vez mais confuso. Ela foi correndo e abriu um alçapão que ficava embaixo de um tapete, dando acesso a uma longa escada que levava a um aposento no subsolo. Quando lá finalmente chegaram o detetive viu aparelhos que desafiavam o seu raciocínio lógico.

– Eu estou surpreso de você confiar em mim para me mostrar essas coisas. – disse ele.

– Eu perguntei sobre você na delegacia antes de procurar. Não sou tão ingênua assim. Falaram tão bem de você que me senti segura o bastante para contar esse segredo. Acho que você vai gostar disso.

Tirou um pano que cobria um exoesqueleto para as pernas. Enzo ficou olhando boquiaberto.

– Vista. Você vai se movimentar melhor. – disse ela.

Ele vestiu meio ressabiado, mas ficou impressionado em como lhe serviu bem. Experimentou correr um pouco e ficou surpreso com os resultados. Na verdade, era só a primeira parte de um conjunto que incluía uma outra peça cobrindo o tronco e os braços.

– Isso é muito legal, mas como vamos chegar ao céu com isso?

– Esse protótipo de exoesqueleto tem propulsores nos pés e nas mãos, que estão ligados a um motor que vai ficar nas suas costas, que por sua vez funciona a base de energia solar fotovoltaica.

– Entendi foi nada.

– A energia solar fotovoltaica é a energia elétrica produzida a partir do calor e da luz solar. Quanto maior a radiação solar nas placas solares, maior será a quantidade de energia elétrica produzida.

– Você sabe mais do que aparenta.

– Meu irmão me ensinou algumas coisas antes de ir embora. Eu ficava horas sentada no laboratório dele,

tentando entender como aquelas geringonças funcionavam. Era a única forma de me relacionar com ele.

– Entendo.

Enzo sentiu vontade de abraçar Nicole, percebendo a tristeza da moça ao pensar no iminente perigo em que seu irmão estava.

– Eu preciso treinar voo nessa coisa. – disse ele tentando quebrar o desconforto do momento. – E você vai como?

– Eu vou abraçada em você, ué. Eu preciso carregar a mochila com as armas que talvez a gente possa precisar. Não se preocupe, o exoesqueleto aguenta levar nós dois. Você não vai precisar fazer força.

– Ok. – respondeu o investigador que ficou a princípio embaraçado com aquela situação, mas depois foi se acostumando com a ideia.

– Ele não fez esse exoesqueleto para mim, que sou baixinha. Eu iria ficar sacolejando aí dentro. – disse ela brincando.

Enquanto ele praticava voos em seu novo “traje”, utilizando um capacete da Primeira Guerra que achou no sítio do Professor Chermont, sua companheira de resgate

investigava o que podia levar para usar contra uma possível ameaça. Achou uma pistola que disparava bolsas contendo um estranho gel corrosivo e uma estranha rede com fincos retráteis que eram acionados em contato com a pele. Ela ficou assustada ao conhecer esse outro lado de seu irmão, que conseguia pensar em tantas coisas interessantes e ao mesmo tempo nocivas, tridimensionais, curiosas e imprevisíveis como a própria natureza humana.

Depois de alguns dias de treino, que obviamente incluiu algumas quedas, ele se sentiu seguro o bastante para partir com ela em busca do cientista em perigo. Eles usaram a pulseira de Nicole para chegar até Akalantos, porque o pulso de luz ficava mais intenso à medida em que se aproximavam. Enzo ainda estava processando toda aquela loucura em que havia se metido quando avistou a cidade aérea pela primeira vez e teve dificuldade para acreditar em seus próprios olhos. Estava maravilhado. Estavam voando há tanto tempo que a bateria começou a falhar e eles começaram a perder altitude. Nicole apertou um dispositivo no traje que liberou uma corda com um gancho, que por sua vez se prendeu em uma das beiradas da cidadela e salvou a

dupla de uma queda bem feia. A moça escalou correndo na corda enquanto o detetive ficou ainda um tempo suspenso no ar, esperando seus batimentos cardíacos desacelerarem. Apertou o mesmo botão para recolher a corda e subiu sem esforço. Ficaram impressionados com a beleza do lugar, mas isso não durou muito tempo pois logo avistaram os homens armados.

Nicole ficou com o revólver e deu a rede para Enzo, já que o mesmo ainda tinha o exoesqueleto para se defender e bater nos agressores. Tentaram manter silêncio, mas a armadura de metal chamava muito a atenção e eles não demoraram a ser percebidos. Os mafiosos atiraram, mas ele continuou avançando pois praticamente todas as balas ricocheteavam no metal. Tomou alguns tiros na perna, mas continuou em pé por causa da armação de metal. Os bandidos ficaram assustados e tentavam correr, mas tomavam tabefes metálicos, sendo arremessados para longe. A moça resolveu seguir o bracelete para encontrar os cientistas. Estavam sendo protegidos por um capanga que teve a sua arma derretida pela geleia ácida. O mafioso ficou assustado ao ver aquilo e saiu correndo. Ela usou mais uma vez sua pistola e derreteu a fechadura da sala

onde os cientistas estavam trancados. Estava abraçando finalmente seu irmão quando ouviu Enzo gritando e pedindo ajuda. Don Casimir tinha pescado o investigador usando um guindaste de imã enquanto Valentim Lohan usava uma metralhadora para impedir que eles se aproximassem. Nicole botou a arma no chão e disse:

– É assim que você pesca? Eu prefiro usar uma rede. É muito mais eficiente!

Todos ficaram confusos, com exceção de Enzo, que se lembrou do dispositivo que estava carregando. Abriu a mochila e jogou a mesma no cientista francês. As pequeninas garras se grudaram na sua cabeça e ele largou a metralhadora, urrando de dor. Um dos cientistas pegou a arma de fogo e Nicole pegou de volta a sua arma de gel. Juntos, foram todos marchando até o mafioso russo que saltou do guindaste e começou a correr até o dirigível. Estava perdido, seus soldados foram derrubados pelos braços metálicos de Enzo e tiveram as suas armas derretidas por aquela geleca estranha.

Estava prestes a fugir quando a moça teve a ideia de subir na máquina e usar a mesma para arremessar o seu amigo em cima do fugitivo, que acabou morrendo em

decorrência desse evento. Ela foi correndo sorridente em direção a ele, que estava ensopado de sangue e nem um pouco feliz:

– Nunca mais faça isso de novo, sua doida!

– Nós fazemos uma boa dupla, pode admitir!

– Só quando você não está colocando a minha vida em risco, o que é quase sempre!

– Ah! Você sabe que é tudo calculado por mim!

– Isso é o que me dá mais medo!

Por fim os dois sorriram sabendo que aquela loucura tinha chegado ao final. Por enquanto. Valentim foi encarcerado na cidade enquanto a dupla foi convidada a ficar na cidade, trabalhando como força tarefa de segurança. Enzo ficou ainda um tempo olhando o infinito e pensando em como aquela bagunça toda terminou transformando a sua vida de uma maneira que ele nunca poderia imaginar.



ÍSIS ESTEVES

Ísis tem 16 anos e muitos diagnósticos, mas gosta de se definir apenas como uma adolescente autista. Curiosa, interessa-se por muitos assuntos, seu passatempo preferido é aprender coisas novas: costurar, escrever, falar novos idiomas, experimentar diversas linguagens artísticas e adentrar nas artimanhas da História e das Ciências.

TALVEZ

Vou me sentir preocupada
Com você.
Mas quero que saiba
Que o amo, mas
Estou sem dignidade.
Como não sei o que pode acontecer
Com você lá ou com a sua vida
A única resposta que vou ter é
Talvez ou um depende.
Então vou deixar você ir,
Pois sei que você
Vai estar em boas mãos.

Com amor,
Sua mãe.



JOSEMEIRE DIAS

Em 04/12/1982, nasceu Josemeire Dias Francisco, na cidade de Neves Paulista/SP. Formação Técnico em Contabilidade pelo Senac SP. Atua na área da Estética desde 2008. Ama a natureza e o mundo da literatura, escreve contos e poesia.

BROTOS NO MEU JARDIM

O sol amanhece tímido, iluminando
E as plantas felizes, vou regando
Límpido céu azul
Ao meu lado fofuras felinas
Lua e Sol, minhas meninas
Amante da natureza que sou
Meu coração logo vibrou
Ao meu redor, pura beleza!
Cada broto vou registrar
Nas lentes do meu olhar
A natureza sempre surpreende
Num piscar, de repente
Há magia no ar!
Continua seu desenvolvimento
Desabrocha um alento
Cada gomo espalhando
A espécie perpetuando
Sabedoria divina!
Regeneração, crescimento
Aflora meu sentimento

Meu jardim a contemplar
Novas vidas esmerar
Lua e Sol apreciam a calma
Essa é minha arte
Onde o belo faz parte
Reflete dentro, na alma
Expande fora, no sorriso
Escuta o passarinho?
Natureza-se!



JUBELITA MELO

Maria Jubelita Silva Melo (38), cuiteense, reside em Barra de Santa Rosa - PB, desde o ano 2000. Possui formação em Licenciatura Plena em Química pela (UFCG) e Graduada em Pedagogia pela (UniFAVENI). Sempre gostou de histórias e quando adolescente despertou para o sonho de ser escritora. No ano de 2023 conseguiu realizar esse sonho, ao publicar um livro de literatura infantil de uma história, criada para a sua filha Lídia, tendo como título: "O passarinho e a princesa".

A PALAVRA QUE TRANSFORMA

Felipe era um adolescente confuso e muito maltratado pelos familiares. Sofria vários tipos de violências em casa, quando estava na escola era muito incompreendido pelos professores e pelos colegas. Então, ele sempre estava isolado. Às vezes, preferia ficar vagando pelas ruas a ir para casa.

Por viver vulnerável, acabou se envolvendo no mundo das drogas ainda jovem. Quando os pais perceberam, tentaram resgatá-lo, porém, ele não tinha forças para abandonar os vícios. Depois de vários anos, vivendo dessa forma, sua vida estava a desmoronar.

Um dia, Felipe se encontrava angustiado e abatido. Procurava uma maneira, de dar um fim a tanta dor e sofrimento. Nesse momento, o rapaz resolveu se afastar um pouco do centro da cidade, deitando-se numa calçada, fechou os olhos e suspirou, quando começou a ouvir uma linda canção. Enquanto a ouvia, percebeu que a música falava do amor de “Jesus”, fazendo-o sentir uma paz imensa. Resolveu se aproximar para ver de onde vinha àquela melodia, foi quando avistou uma pequena casa e

ao olhar, viu uma janela aberta. Seguiu até o local, deparando-se com um jovem, sobre uma cadeira de rodas, que em frente a um piano, louvava a Deus.

Nesse momento, passou um filme na sua mente e pensou: Como um jovem, nessa condição tem ânimo de estar adorando, enquanto eu estou aqui, querendo tirar minha própria vida? Imediatamente, ele retrucou: Meu Deus como sou ingrato! E naquele instante, o jovem percebeu a sua presença e logo, apresentou-se como Levi e já aproveitou a oportunidade para falar sobre a palavra de Deus e do seu amor para com todos os pecadores. Essa atitude deixou Felipe muito emocionado, principalmente, quando ele disse que Jesus foi morto numa cruz, para que todos que nele cressem, não perecessem, mas que tivessem a vida eterna.

Felipe não segurou as lágrimas e contou suas angústias e sofrimentos. Levi argumentou que Deus é o único que tem a solução para todo e qualquer problema, fazendo-lhe um convite, posteriormente: Felipe, você gostaria de aceitar Jesus como o seu único e suficiente salvador? Pois só Ele, poderá transformar a sua vida. Felipe muito emocionado, respondeu: Sim! Eu quero esse

Jesus, na minha vida. Então, depois desse dia, Felipe começou a frequentar a igreja. E desde então, sua vida foi totalmente transformada.



KARINA OLIVEIRA

Olá! Sou Karina Oliveira, autora do livro "Nina e as Sapatilhas Flutuantes". Também participei das antologias "Cantando Auroras", "Amor & Esperança" e "Sentimentos Escritos", pela editora Panóplia.

SENTIR PARA DAR SENTIDO!

Descobri que depois de uma tempestade, o arco-íris volta a surgir. Depois das emoções bagunçadas, da mente sobrecarregada, e do coração quebrado, tudo volta a se encaixar.

Quando eu entendo que eu não posso me permitir viver menos do que eu mereço, eu mergulho na profunda busca de mim mesmo. É como andar por uma rua encontrando a saída para o outro lado, é me permitir dançar tango no teto, é me permitir sentir o sol e o som do mar!

Os cabelos balançarem, depois de uma madrugada inteira de lágrimas. O dia posterior é o recomeço, é a virada de chave para o novo ciclo, o ciclo da superação, que me impulsiona a recalcular a rota, e focar no ALVO!

Não podemos apagar o passado, pois ele faz parte da nossa história. Mas podemos Ressignificar o que já nos causou sofrimento.

É necessário sentir, para dar sentido!



LARA PISSARRA CARDOSO

Nasceu em 28/12/2009, no Rio de Janeiro. Ama escrever e é apaixonada pela leitura, por cantar e ouvir música. Em seu tempo livre, joga xadrez e pratica atletismo. Estudante do ensino fundamental II. Está escrevendo um livro. Participou do concurso Cartaz sobre a Paz, pela Lions Clube, no ano de 2022, o qual foi premiada entre os cinco primeiros.

PARA ELENA

Bem, me lembro como se fosse ontem. Eram por volta das 7h20 da manhã da primeira quinta-feira do mês de abril. Eu estava “mega” atrasado, sai todo atrapalhado de casa e nessa correria toda acabei trombando em uma bela moça, que com pressa igual a mim pegou as coisas que deixou cair no chão e saiu correndo, nem deu tempo para se desculpar, mas nunca vou esquecer como ela é.

Depois de um tempo, percebi que perdi umas folhas que eu carregava, elas eram extremamente importantes para meu trabalho na faculdade, como não encontrei as folhas em lugar algum pensei que poderiam estar com aquela linda mulher. Tive que esperar onde nos trombamos até o outro turno na esperança de encontrá-la novamente, quase sem esperança e desistindo, esperei. Quando eu finalmente cansei de esperar, a vi, no final do corredor e com umas três meninas em sua volta, não sei o que deu em mim naquele momento, só não conseguia parar de olhar para ela com seus lindos cabelos longos e lisos, com olhos castanhos expressivos, uma pele clarinha e um sorriso largo no rosto. Não sei quanto tempo fiquei

ali admirando sua beleza, só percebi que estava olhando para ela freneticamente quando ela olhou para mim e veio em minha direção, fiquei muito envergonhado ao perceber que tinha lhe encarado. Quando ouvi sua voz, meu coração acelerou, fiquei meio sem jeito, mas consegui conversa normalmente, tivemos um dialogo rápido que foi o suficiente para saber seu nome e quando nos veríamos novamente.

Nos vimos mais algumas vezes até que começamos á sair, conversamos sobre tudo e, mesmo sem assunto só de estar ao lado dela era bom. Começamos a namorar depois de algum tempo e isso durou longos anos, e de tanto amar ela, a pedi em casamento e, ela disse, sim.

Agora estou no hospital segurando minha neta Elena a quem dedico essa carta, espero que tenha um romance tão bonito quanto o meu, quero que saiba que o amor nunca morre que ele não é difícil, e sim as pessoas que são, mas é melhor falhar tentando do que nunca tentar.

Lembre-se sempre que amor de verdade nunca abandona e sim fica em todos os momentos.

Um beijo do seu querido e amado vovô Levi
minha netinha mais linda do mundo.



LETÍCIA GALVÃO

Letícia é graduada em Letras, Especialista em Literatura e Mestre em Estudos da Linguagem, com pesquisas desenvolvidas nas áreas de História e Crítica literária. Já fez parte de várias publicações editoriais com seus contos, crônicas e poesias buscando sempre apresentar novas perspectivas sobre o mundo através de sua escrita.

O TRABALHO POÉTICO

Quando quero escrever
sinto que minhas mãos conversam
e meus dedos se movem pelo ar
me sinto protegida
escondida em meus textos

Sou resgatada de um horizonte profundo
trazida de volta para o mundo
onde a angústia do meu peito
se torna apenas um longínquo pesadelo

É nesse ambiente calmo e terno
que me escuto
que me entendo
que me vejo

Mas como um lampejo
sinto cada um dos meus versos
quando os leio para mim
e é o que importa no fim

Sou inspirada pelo céu, pela terra, pelo ar
ao mesmo tempo em que sou apenas a mão que escreve
muitas vezes, sem pensar

Nas palavras... não há máscaras.
Quando me descrevo no papel
me sinto livre.



LÍDIA MELO

Lídia Melo Souza, 9 anos, residente em Barra de Santa Rosa - PB, sua mãe sempre contava histórias para ela dormir. E quando tinha 4 anos, a mãe percebeu que ela fez a releitura de uma dessas histórias, então, para deixar registrado fez um vídeo ela fazendo a contação, mas ela sempre pede para publicar essa história e agora sua mãe resolveu inscrever essa história nessa antologia.

O GATINHO QUE SE PERDEU NA FLORESTA

Era uma vez, um gatinho que gostava de passear pela floresta. Um dia durante um passeio ele se perdeu e começou a dar voltas pela floresta à procura de sua casa, porém, não encontrou. Quando ele já estava cansado e com fome, ele avistou uma casa, então ele pensou: Hummm! Estou vendo uma casa lá, deve ter muitas guloseimas para eu comer. E foi conferir. Ao bater na porta não saiu ninguém, como a porta estava aberta, ele resolveu entrar, ele olhou para um lado, olhou para o outro e viu uma mesa cheia de comidas gostosas, tinha: torta, bolos, todinho, biscoitos e até Nutella, ele começou a comer tudo sem se controlar, pois, estava faminto. Ele ficou com a barriga enorme, e viu uma rede então resolveu tirar um cochilo, enquanto descansava, ele acordou com uma dor de barriga daquelas e saiu correndo procurando o banheiro.

Quando ele já estava no banheiro ele escutou alguém abrindo a porta da casa, era a dona da casa, que logo percebeu que alguém tinha entrado na sua ausência.

Ela começou a procurar quando percebeu as pegadas do gatinho em direção ao banheiro, ela bateu na porta do banheiro, “toc, toc, toc” e perguntou: Alguém está aí? Então, o gatinho disse: Sou eu vovó, o gatinho! Então, ela disse: Como é seu nome? Por que está aqui na minha casa? O gatinho disse: Meu nome é “Bolinha de Pelo”. Eu estava perdido e com fome, e só encontrei essa casa. Então, a vovó disse: Pois, Bolinha de Pelo, se limpe e saia do meu banheiro! O gatinho saiu e foi vestir a roupa, mas percebeu que a roupa estava suja de Nutella. Então, ele disse vovó bem que a senhora poderia me dar uma roupinha, e ela deu uma roupa para o gatinho, mas ficou muito folgada. Então, a vovó deu também um cinto. E o gatinho disse: Deu certinho, obrigado vovó.

A vovó disse: Agora vá para sua casa, seus pais devem estar preocupados. E ele disse: Agora eu vou, já estou alimentando, vestido tchau vovó e a vovó disse: Tchau Bolinha de Pelo, cuidado não se perder novamente!

Certo vovó até mais!



LILIAN MEDEIROS

Carioca, mãe, professora de Língua Portuguesa das redes públicas estadual e municipal do Rio de Janeiro, psicopedagoga e poeta. Desenvolve oficinas de poesia e escrita criativa nas escolas onde leciona, incentivando à leitura e à arte. Tem participações em diversas antologias, inclusive, infantis. Seus textos sensíveis falam sobre a intensidade do ser, a infância, o cotidiano, a natureza e a própria construção poética, onde enxerga a beleza da essência humana.

POESIA E PÃO

Poesia de cada dia,
Alimenta minha alma
Para que com meu próximo
Seja também partilhada

Poesia de cada dia,
Fonte de sabedoria
Como a água, se bebida
É alimento para a vida

Pão que sacia
Nutre e revigora
Bendita seja,
Poesia de cada dia!



LISA DOMINGOS

Lisa Domingos ou Lisa Hallowey é o pseudônimo da escritora Elisangela Domingos da Silva. Ama terror e tudo que envolve o sobrenatural e psicopatas. Tem como inspiração o Mestre King. Já participou de mais de 30 antologias de varias editoras e alguns concursos, um deles sendo de Escritores Malditos ficando em primeiro lugar com a categoria Iluminare. Já foi colunista da Revista Litere-se.

O ACASO

Aconteceu assim, de repente, numa tarde de primavera. Sentada numa praça, olhando o céu azul, vendo os transeuntes passar. Ele sentou do meu lado, jogou sua mochila como quem não quer nada com nada. Tirou um livro de dentro e folheou as páginas. Virou pro meu lado e perguntou se eu gostava de poesia. Nem esperou minha resposta. Recitou Shakespeare, Drummond e Vinicius de Moraes.

Subiu no banco e se declarou, como se estivesse em outro mundo... em outra época.

Ajoelhou-se aos meus pés, e se declarou a “Don Juan”, pegando minha mão.

Levantou-se e filosofou que nem Sócrates. Recitou Hamlet. “Ser ou não ser, eis a questão...”

Pegou sua mochila e despediu-se me chamando de Dulcineia, prometendo ser meu cavaleiro errante, Dom Quixote.

Saiu como se nada tivesse acontecido. Já a uma certa distância, acenou, sorrindo feito um menino maluquinho.

Novamente ele apareceu. Só que dessa vez foi numa manhã. Eu estava sentada na mesma praça. Ele veio, só que agora sem mochila, com as mãos no bolso e fones de ouvido.

Sentou-se do meu lado, tirou a jaqueta que vestia e, sem que eu esperasse, levantou-se de um pulo e fez o movimento de quem estava atirando, dizendo que sentia saudades de um garoto que conheceu na guerra, que como ele, amava os Beatles e os Rollings Stones.

Parou na minha frente e me perguntou “Que pais é esse?”.

E ele mesmo respondeu “ Só os loucos sabem...”

Revelou-me que já foi o “descobridor dos sete mares”, e que agora não queria dinheiro, só queria amar...

Sentou-se novamente ao meu lado e disse que eu era a “coisa mais linda, mais cheia de graça”.

Apertou minha mão dizendo que se chamava Eduardo, e que eu bem poderia ser sua Mônica. Disse para mim não se preocupar, que ele era apenas um pacato cidadão.

Pegou sua jaqueta, jogou nas costas e fez o passinho “moonwalker”. Piscou pra mim e disse que não era louco, que era apenas um “Maluco Beleza”...



LÍVIA MELO

Livia Melo Souza, 13 anos, nasceu em Campina Grande – PB. Aos 07 anos aflorou um desejo de criar histórias e ilustrá-las. Sendo assim, incentivada pela sua mãe, Jubelita Melo, e por sua prima, Lela Porto, organizaram o seu primeiro livro “De criança para crianças, minha vida é uma historinha” o qual fizeram um lançamento especial em setembro de 2022. Na época, Livia já havia outras histórias, inclusive essa, intitulada por “As quatro meninas e a prof. Sol”, submetida a esta antologia “Entre páginas & versos”.

AS QUATRO MENINAS E A PROF. SOL

Era uma vez, quatro meninas: Lili, Tata, Lalá e Vivi. Elas tinham uma professora chamada Sol. A professora escrevia bastante. Lili e Tata ficaram com um calo nos dedos de tanto escrever, pois elas estudaram com a professor Sol, durante 2 anos seguidos. As meninas passavam o ano todo escrevendo, mas, elas gostavam muito dela, pois, elas aprenderam muitas coisas, como: adição, subtração, multiplicação e divisão, tudo isso só em matemática. Já em português aprenderam: fábulas, cartas, contos de fadas e etc.

Mas, tudo isso era preciso ser copiado no caderno. Como as meninas passaram de ano e mudaram de professor, ele se chamava Almir. Ele passava mais tarefas em folhas, era mais calmo e ensinava outras matérias e às vezes as meninas diziam: — Ai que saudades de tia sol!

Sempre na hora do intervalo, a tia Sol ia até à sala das meninas para abraça-las e dizia: — Ai que saudades de vocês! E as meninas respondiam: — Nós também, estávamos com muitas saudades da senhora, prof. Sol.

E era sempre assim as quatro meninas e a querida prof. Sol.



LORRANY FERNANDES VIANA SIQUEIRA

Nasceu no Gama, DF, e cresceu em Cristalina, GO. Atualmente, vive em Valparaíso de Goiás. Formada técnica de enfermagem há sete anos, dedica-se ao cuidado e bem-estar das pessoas. Apaixonada por leitura e escrita, Lorrany valoriza a educação contínua e vê a leitura como uma jornada de autodescoberta e expansão de horizontes.

HÁ DIAS

Há dias que eu não durmo e me alimento mal.
Há dias que não abro o notebook e tampouco escrevo.
Há dias que não vejo os vizinhos, e eles não me veem,
Nem os funcionários da padaria.
Há dias que você se foi, e aqui dentro amanhece cinza.
Há dias em que o sol parece distante,
E a lua, uma confidente silenciosa.
Os minutos arrastam-se como folhas ao vento,
E o tempo torna-se um companheiro impiedoso.
Há dias que me perco em lembranças,
E outras vezes, me encontro na saudade.
Os risos de outrora ecoam nos corredores,
E a solidão faz morada em cada canto.
Há dias que espero por uma nova alvorada,
Um dia em que as cores voltem a brilhar.
Que a alegria floresça, desabrochando em cada instante,
E que o cinza se transforme em um passado distante.



LUCIANA GOMES

Sou Luciana Gomes: mulher apaixonada pelas palavras,
que se fez, faz e refaz continuamente na e pela linguagem.

MULHERES EM MIM: HELENA

Helena parecia feita de versos. Seus passos e compassos compunham sua existência em melodia. Chegava sempre na hora certa, nos lugares e para as pessoas, como se os encontros fossem previamente combinados com o tempo do relógio e da vida. Era um anjo azul. Enchia de paz e calma os espaços e estava sempre a nos convidar para dançar sobre as nuvens.

Ela criava sorrisos, luz e poesia. Beijava de amanhecimentos, abraçava de recomeços, e amava com amor puro e simples.

Era ela um corpo-seguro, um peito-cais onde se podia ancorar a alma, a quem se poderia dar com total entrega.



LUCIANA SELEIMEND

Mãe do Vinícius e esposa do Anderson. Professora da Rede Municipal e Estadual da Cidade do Rio de Janeiro, Escritora, Pedagoga, Orientadora Educacional e Psicopedagoga.

DE VERSO E CIDADE: DIVERSIDADE

A minha cidade em suas cores,
tons, lugares, pessoas,
paisagens: a diversidade.

A minha cidade
da zona norte a zona sul,
suas praias, montanhas,
estradas que antes fora de ferro
agora a modernidade com o metrô: a diversidade.

As roupas, os estilos, os cabelos
que agora mostram sua cor, sua liberdade, seu
gênero no que for
na minha cidade: a diversidade.

O Cristo de braços abertos olha a cidade que ora
descansa,
ora é puro movimento
na diversidade sem se opor.

A bossa, o samba, o clássico, o funk
e toda a musicalidade
da minha cidade
em verso e prosa na diversidade.

Há diversidade no falar, no pensar,
no agir dessa cidade, amor.
Até o silêncio desta cidade é diverso.
Diversidade então, o que é?
Ser diferente, na cidade, no lugar da gente ou no
lugar que a gente quiser.
O diferente, o diverso que enaltece e enriquece o
conhecimento da gente.
O diferente que não separa,
mas junta.
Porque esse diferente é
resiliente com a gente.

O TEMPO E O SOSSEGO

O tempo passa correndo,
passa depressa.
Sem demora, sem permissão.
Sem olhar pra trás, nem para o futuro,

Sem sentir o presente,
latente na gente.
E o sossego, onde está?
No sussurro do vento
No canto dos pássaros
Na brisa leve e no movimento suave
das ondas do mar.
É lá que minh'alma está!
Na paz que a natureza pode nos dar.
Voe até lá, pare um minuto para observar...
E vai querer morar por lá.

PASSARINHO NA JANELA

E assim ele chegou
Cantando alto
Pulando pra lá e pra cá
Cheguei devagar
Ficamos a nos contemplar
Eu em silêncio

Ele, lindo a cantar
Ele já não tem mais medo
Da minha presença
E se deixa observar
Tem um bico majestoso
Uma pose de garboso
Ele sabe que pode chegar
Ir e sempre voltar.

VIDA EM POESIA

É amar, aventurar-se
Permitir-se
Amar a si mesmo
Com tal intensidade... que ilumina
Acende, aquece, inquieta, alegre e
Faz viver!
Sair do casulo, retirar o entulho do ser.
E refazer, ser de novo
E no novo, o que sempre quis ser.

Um ser em construção, no inacabado
Caminhando, experienciando
Amando, sofrendo,
ensinando e aprendendo.
Perdoando, pisando em pedras... mas
Espalhando flores pelo caminho.



LUCIANE PIRES

Luciane de Sousa Pires é psicóloga clínica, pedagoga do Atendimento Educacional Especializado para estudantes com comportamento de superdotação em Angra dos Reis-RJ, consteladora familiar sistêmica e autora dos livros infantis: *TENHO UM LUGAR PARA VOCÊ* (Editora Atman) e *ISSO NÃO É MEU!* (Editora Panoplia).

PARA ALÉM DO ESPELHO

Aos 50 anos de vida, num dia bem comum, seguindo sua rotina matinal. Pontualmente, às 6h10, Lucia está diante do espelho de seu banheiro. Olhando para sua imagem refletida, inicia, como sempre, com a escova nos cabelos em gestos que auxiliam a abaixar o volume e a pentear de uma forma que possa disfarçar um pouco os brancos que já, de novo, antes de completar quinze dias de pintura, insistem em esbranquiçar as raízes. Nada de novo. Afinal, desde os 18 anos convive com os fios brancos: fortes e tão expressivos que brilham mesmo com a pouca luz do dia. De repente, algo inédito acontece: uma voz fica tão nítida que parece aumentar de volume para ser notada e faz a pergunta:

— Por que você sempre tem essa insatisfação?

Intrigada, Lucia olha à sua volta, não vê ninguém. No pequeno banheiro e no silêncio da casa, porque ela é sempre a primeira a se levantar, mais nenhum som se ouve. Há apenas o eco daquela voz que se fez presente por um momento! Lucia pensa se perguntando:

— Estou ouvindo vozes? Que é isso? Endoidei? —
Fica sem respostas. A voz parece que não existiu ou,
sumiu! Retorna ao autocuidado ainda ressabiada e pouco
à vontade e, mais uma vez, conversa consigo: — Passou!
Não foi nada!

Pega a pasta de dentes, inicia o ritual da escovação
dos dentes que há pouco tempo passaram a lhe dar um
trabalhinho extra pelo uso do aparelho ortodôntico, para
evitar uma piora na mordedura errada que, com a idade,
começou a trazer mais incômodo e sensibilidades às
gengivas. Isso não a agradou. Na verdade, ela está bem
desapontada e sentindo-se mal com o sorriso que, agora
metalizado, traduz-se numa sensação de não saber bem se
é melhor sorrir largo como sempre ou ficar com uma
expressão mais “Monalisa” como vinha ensaiando.

A voz retorna! Desta vez, grita em tom
desesperado:

— Por que sempre está insatisfeita?!?

O coração de Lucia parece que vai sair pela boca,
as pernas tremem e, por mais que queira sair gritando e
correndo, fica imóvel. Pane total! Olha para o espelho, vê
uma luz forte que quase cega. Luz muito forte que vem

do seu peito e que a faz confirmar: — Estou doida, surtando! — Da luz, sai a imagem da pequenina Lucinha, como era chamada quando criança. E, como se estivesse lendo o pensamento de Lucia, responde:

— Não está doida nada! Estou aqui para te dizer que é preciso ouvir melhor seus pensamentos e decidir o que quer ainda na sua vida. — Assim, complementa com firmeza e carinho: — Onde está a Lucia que se encanta com as novidades e olha para a vida como uma viagem cheia de aventuras, desafios e possibilidades de aprender coisas novas?

Impactada, Lucia começa a chorar e sente um quentinho no coração que parece que desarma a rigidez de seu corpo. Imediatamente se lembra da criança que foi e da alegria que ela vivia quando as novidades chegavam. Ela adorava o jogo do contente de Alice, a do país das maravilhas, e fica procurando olhar para o lado bom do joelho todo ralado depois do tombo de bicicleta por conseguir fazer uma nova ação equilibrista inovadora!

A voz some, a imagem da menina também. Tudo parece voltar ao normal. Um dia como outro qualquer na rotina desta mulher que chega em mais uma fase de

grandes mudanças. Lucia termina os cuidados iniciais daquela manhã, prepara o café, acorda o filho, dá um beijo de bom dia no marido como habitualmente. Respira fundo, bem fundo, bem consciente e diz lá dentro de si: — Sim! Estou aqui! Estou na vida! Está tudo certo! E, viva a vida!

Revisão: Silvana Ferreira dos Anjos



LUXOR KRON

Washington Luís Baldez (pseudônimo Luxor Kron) nasceu em Brasília (09/03). Economista de formação, trabalha como servidor público federal. Casado há 18 anos, possui três filhos. Atualmente, dedica parte de seu tempo livre à composição de músicas e de poesias autorais, muitas delas publicadas. Em março de 2024, publicou seu primeiro livro “Aurora Tardia: onde o tempo não tem espaço” (Editora Hexa).

Washington Baldez (Luxor Kron)

wbaldez@hotmail.com

(61) 98131-6949

<https://www.instagram.com/jardinsdeluxor/>

ESTILHAÇOS

Foi com vidro que construí as minhas máscaras,
Pelo complexo formato de minha face peculiar
E com perfeito ajuste, para não incomodar.

Foi com vidro que construí as minhas máscaras,
Do exato peso que me fosse razoável suportar;
Pelo exíguo tempo que me restasse disfarçar.

Foi com vidro que construí as minhas máscaras.
Foscas, para atenuar os raios do sol com calma,
Em franca lucidez que reluz a verdade da alma.

Foi com vidro que construí as minhas máscaras.
Translúcidas, resistentes à realidade nua e crua.
Com leveza, para, sem perigo, transitar na rua.

Foi com vidro que construí as minhas máscaras.
Ouvi dizer que sem máscaras se vive muito mal.
Eis uma perfeita para brincar no Carnaval!

Foi com vidro que construí as minhas máscaras.
Essas mesmas que hoje resolvi não mais usar!
Perdi o medo e decidi todas elas quebrar...

Ante cacos e estilhaços, respirei a liberdade!
E, no exótico mosaico dessa retumbante vitória,
Tente se espelhar para entender a minha história.



LUZZ SOUZZA

Luzz Souza reside em Ribeira do Pombal na Bahia, é uma desenhista autodidata que ama ler e ver séries. Já tem participação em três revistas literárias e em mais de trinta antologias. Recentemente publicou seu primeiro livro “Alexei por um instante” pela Editora Merari Tavares.

A CAIXINHA DE MÚSICA

Era pequena e graciosa.

Uma caixinha de música em formato de coração e assim que era aberta uma música suave começava a tocar. Dentro havia espaço para guardar pequenos tesouros, e algumas luzinhas que pareciam com pérolas.

O esposo havia comprado a caixinha de música numa loja de antiguidades que ambos haviam visitado. Penélope gostava de coisas antigas, e ele, mesmo não compartilhando dos mesmos gostos que ela, teve a ideia de lhe dar de presente aquela caixinha de música.

Ele tinha visto a caixinha e uma ideia magnífica tinha emergido em meio a tantos pensamentos que o perturbavam, porém ele guardou aquela ideia num local especial até o momento apropriado. E quando o aniversário de sua amada chegou, ele apareceu segurando uma caixa azul, embrulhada com esmero e com um laço enorme vermelho em cima.

Os olhos dela se arregalaram, e cintilação como um o céu repleto de estrelas quando Penélope abriu a caixa. Ele

sentiu tanta satisfação em vê-la feliz que pareceu que quem ganhava o presente mais lindo de todos era ele.

É claro que em seu aniversário de trinta anos, Penélope ganhou lindos presentes! Ela amou cada um deles!

Mas a caixinha de música... ah aquela caixinha tinha um significado especial! Além de ser o presente do homem que Penélope amava, era um sinal claro do amor altruísta dele, pois ele tinha se lembrado da loja de antiguidades e prestado atenção nas coisas de que ela gostava! Ela se sentia tão querida e amada por aquele homem e se sentia tão grata por ter encontrado um amor tão verdadeiro, apesar de suas imperfeições, que teve certeza de que tinha um tesouro em suas mãos.

O valor do presente tinha saltado para incalculável, por causa do afeto que o esposo demonstrou, mas infelizmente, o amor, mesmo sendo poderoso e transcendental, não torna os humanos como ele, e por isso, um dia, o coração do esposo amoroso parou de bater.

As lágrimas podem até cessar, mas o vazio no peito nunca é preenchido. O coração de Penélope doeu tanto, por dias e meses. Tanto, tanto que ela achou que ele ainda iria parar.

Mas o coração de Penélope não parou.

E numa tarde fria de inverno, ela foi para seu quarto e após vestir uma camisola, deixou a cortina um pouco afastada para que os tímidos raios de sol lhe fizessem companhia, então deitou-se na cama e abriu a caixinha de música diante de seu rosto.

Lágrimas quentes verteram de seus olhos, e ela ficou ali, ouvido a música por um longo tempo. As lembranças vinham e faziam com que a dor da saudade aumentasse. E finalmente, quando a lua se ergueu no céu, a música começou a falhar até parar de vez. Nisso, Penélope adormeceu.

Em seu sonho, ela passeou por um campo cheio de girassóis, segurando a mão de seu falecido esposo. Eles sorriam, conversavam e até fizeram piquenique. Pela tarde, as nuvens começaram a ficar cinzentas e então eles se despediram. E assim que suas mãos se desprenderam, Penélope despertou chorando.

Ela se levanta então e vai até a janela e a abre, e num sussurro se despede de seu amor.

Não um amor perdido. Mas um amor vivido.

Penélope juntou as mãos e agradeceu pelo amor recebido e finalmente conseguiu dizer adeus ao seu amado.

Afinal de contas, pensou, tudo ocorreu como disse o poeta: “ Que seja eterno enquanto dure! “

E quando Penélope acendeu a luz, viu a caixinha de música aberta em cima da cama. Ela então a guarda com carinho e deita-se novamente.

No dia seguinte o sol despontava no céu azul e límpido.

Penélope boceja e abre os braços, esperançosa.

Um novo dia começava, e a saudade só a lembrava de que dias felizes também acabam.

REFLEXÕES DE UMA ESCRITORA

Eu tinha nove anos quando descobri a magia da língua portuguesa!

A descoberta ocorreu de forma inesperada. Havia em minha sala de aula uma estante de ferro repleta de livros, e a minha professora na época nos disse que aqueles que

terminassem o dever antes dos colegas, poderia pegar um dos livros da estante para ler e assim passar o tempo.

Não me lembro se, além de mim, algum outro colega tenha aproveitado o silêncio e o tempo extra para ler. É bem possível que haviam mais leitores ali, mas só consigo me lembrar de mim mesma me levantando e levando um livro de volta à prateleira e pegando outro.

Com o tempo, acabei lendo todos os livros da estante, e quando chegou o dia em que eu devolvi o último livro que acabara de ler, voltei para o meu lugar com uma sensação ruim.

Aquela sensação de perda, de saudade!

Minha mente infantil ficou ansiosa por mais daquela magia das palavras! A senhora Língua Portuguesa era realmente uma dama cheia de talentos! Quem diria que folhas cheias de palavras, pontos de interrogação, travessões, e outras coisas seriam tão interessantes!

Descobri que em outros idiomas também tinham essa mesma magia! Em outros países também existiam magos que juntavam palavras, frases e estrofes, muito bem organizadas e que faziam os nossos cérebros viajarem

para vários lugares sem que nossos corpos saíssem do lugar!

Que descoberta fenomenal!

Eu poderia viajar por países, mundos, conhecer todo o tipo de pessoas e seres interessantes, graças a senhora Língua Portuguesa e a sua amiga leal, a dona Literatura.

Depois dos livros na estante, busquei o templo do saber, onde haviam centenas de livros. A maioria das pessoas chama este lugar de biblioteca, mas todos os leitores, em seu íntimo o chama de “meu paraíso”.

Não lembro se a biblioteca de minha escola já existia quando eu já tinha lido todos os livros da estante. Mas me lembro que ela passou a existir em algum momento, porém, por algum motivo, ela não ficou muito tempo disponível. Entretanto, num bairro perto do meu, achei uma biblioteca, e passei a visitá-la com certa frequência.

Uma amiga também passou a me emprestar os livros que ela lia e foi assim que encontrei um dos meus autores favoritos.

Os anos se passaram e os livros continuaram fazendo parte de minha vida. Eles me traziam a paz e o conforto que as vezes meu coração impaciente precisava. Pude

fazer longas viagens graças a eles, e em meu coração o afeto por eles crescia cada vez mais.

Penso que a invenção da escrita é um presente divino. Ler é um privilégio e escritores são magos que usam a escrita para expandir mentes e torná-las fortes e imaginativas.

Me tornei uma mulher adulta, e apesar da labuta e do cansaço constantes, sempre separo um tempo para mim e para os livros. Eu já gostava de inventar histórias desde criança e naquela época, nunca me passou pela cabeça que eu seguiria pelo mesmo caminhos dos magos.

Até que um dia, depois de décadas descobri um segredo. Ele estava dentro de um baú cuja tampa estava empoeirada e dentro haviam sonhos esquecidos, abandonados e enferrujados.

Ao longo de minha vida, eu fui jogando todos os meus sonhos dentro desse baú, até que ele foi aberto sem que eu percebesse. Às vezes, nós adultos ignoramos as coisas que desejamos porque achamos que não dá para conciliar nossos sonhos com nossas obrigações de gente grande.

E depois de anos, descobri o meu sonho de ser escritora. Ele estava no fundo do baú, e quando emergiu, achei que era um sonho novo, mas depois das lembranças ficarem

pulando de alegria por eu finalmente tê-lo encontrado, percebi que era um sonho antigo, que eu havia ignorado pois tinha criado o péssimo hábito de desistir de mim mesma.

Então passei a escrever. Escrever e escrever!

E quanto mais escrevia, mais queria escrever!

Criei mundos mágicos e monstros maus, fadas, dragões e até contei histórias tristes. E tudo foi crescendo criando forma, e eu fui me sentindo cada vez mais feliz.

Conseguia criar. Inventar histórias interessantes e até nada interessantes, e gostei de me tornar uma maga das palavras.

Existem muitos como eu!

Estamos nos desenvolvendo, aprendendo, e criando mundos para que os nossos leitores possam passear!

Não é fácil. Contudo, é gratificante levar alegria às pessoas. Eu continuo aprendendo coisas novas e espero sempre poder tirar um suspiro de alguém!

Seja de alegria ou de medo.

Contanto que mais e mais portais da imaginação sejam abertos, seguirei em frente criando e usufruindo deste privilégio que chamamos de imaginação.



MAGNO ASSIS

Natural de Antônio Dias/MG. Filho do agricultor José Pedro de Assis (em memória) e da costureira Josefina Martins de Assis. Coursou o ensino fundamental em sua cidade natal. Mudou-se para Coronel Fabriciano, onde cursou Contabilidade e Técnico em Eletrônica. Em 1990 mudou-se para Juiz de Fora. Coursou Administração de Empresas e Letras. Foi Vendedor, Funcionário Público e Técnico. Ocupa a cadeira 30 da Academia Interamericana de Escritores. Membro da Academia Internacional de Poemas, Poesias e Artes. É autor do livro “O Voo do Querer no Infinito das Palavras” (Uiclap-2024).

ANTÔNIO DIAS II

Cidade pequena
Tão pequenina
Que cabe
Na palma da mão
E dentro do coração.

Anos em centena
Jeito de menina
Só ela sabe
Deixar-te em paz

A natureza acena estima
Beleza que ensina
Amor e arte
O rio Piracicaba
É lágrima que desagua
E te invade
Em eterna saudade

Ver-te toda e em parte
Nova vida traz

Antônio Dias
Essa gigante pequenina
É todo o mundo.

PEREGRINO

Caminho sob a luz da lua
Vestido de ruas
Busco a verdade
Que só se encontra
Nas palavras tuas
Posso ter a liberdade
De todos os horizontes

Mas se não estiver
Na prisão de teus braços

Não há fontes
Que saciem a sede
De mar do meu ser
Só o teu amor
Traz-me sol e lua
Liberdade
Horizontes
E todas as ruas
Que desejo conhecer.



MARCELO PIRES

Nasceu em Pirassununga-SP, é Acadêmico de quatro locais, Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes, da Academia dos Intelectuais e Escritores do Brasil, da Academia Hispano-brasileña, e da “Academia Pirassununguense de Letras, Artes, Ciências e Educação”. É colunista do Jornal ROL, e é escritor de poesia e contos, tendo participado de 17 antologias, escreveu sete livros e é Bacharel em Ciências da Computação. Na pandemia, inventou um protótipo de Respirador Mecânico, noticiado em jornal do SBT, resultando em mais um livro.

AMORES FRIOS PODEM ARDER

As aves se despedem para fugir do frio cruel
No rosto da apaixonada, a lágrima cai gelada
Os ventos do inverno trincam forte os lábios
Beijos de amores acalmam os ânimos ávidos
De manhã é muito gelado para pensar rápido
Sentimentos seguem o ritmo ditado pelo frio
Os olhos ardendo vêem somente os indícios
Enquanto as almas sentem a falta fria do sol
As emoções vertem ao belo som do rouxinol
Próximo da lareira, acalentado por labaredas
O olhar fixo do amado apreciando a amada
Suspirando, caíram nos encantos dos amores
Mas olhares podem ser mal correspondidos
O Frio que assola o coração, faz doer a alma
Soprando as árvores e sentimentos das dores
Enganados na lareira da paixão e de amores
Confusões ardem nos pensamentos vagantes
Em meio às janelas embaçadas com vapores
Conversando sobre amores em salas quentes
Há frio, mas o calor das palavras aquece o ar

Devora a paciência, e põe a mente no limiar
Está em jogo paixões grandes como colinas
Inspira o ar que passa fundo por suas narinas
Olhares de admiração confusa e reprovação
Sentem-se no lugar de passarinhos na gaiola
Pensamentos incomodam na hora da partida
Pois é algo difícil de compreender, ele se foi
Faz minutos, mas já sinto a cruel eternidade
O tempo e a mente reféns das causalidades
A noite chega congelada, e o sereno esconde
Lá fora, nas brumas brancas surpreendentes
Há dramas adornados de histórias de amores
Vidas unidas e geladas pelo inverno noturno
A madrugada avança e os graus caem rápido
É preciso entender que a solidão é traiçoeira
Imaginem cair no lago, sentindo hipotermia
Pode também, cair em muitas emoções frias
Em pessoas geladas que não ligam a mínima
Desprezando as necessidade inconvenientes
A noite nunca deve ir embora sem ver o sol
Assim tendo a certeza que as estrelas se vão
Muito numerosas quanto as juras de amores

Mas o sol é um só, como o verdadeiro amor
Os primeiros raios de sol brilham no orvalho
A noite em claro e solitária trouxe incertezas
O dia é um alento, anunciando as esperanças
Possibilidades de renovar o amor e a aliança
Uma pessoa faz caminhada pela lúdica trilha
Pela janela embaçada é difícil de enxergá-lo
O sol atrás do rapaz, cega ela de puro amor
Seriam os valores à pagar para o amor voltar
À partir de agora, faltar a visão são as regras
Cega de paixão, correndo muito, sem direção
Guiados pelos cheiros do orvalho e do amor
Essência sentida pela alma e não pelo nariz
O coração estava certo da volta de seu dono
Confirmado com um longo abraço aquecido
O frio intenso objetivava congelar a paixão
Mais uma vez perdeu para os olhos ardentes
Amantes, não importa o frio e suas vertentes.



MARCOLONGO RICARDO

Nascido e criado em Suzano-SP, é formado em Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas, atualmente cursa Direito. Escreve poesias desde os 8 anos, inspirado por uma matéria sobre a morte de Carlos Drummond de Andrade. Além de poeta, é também artista digital, criando quadros abstratos com o lema “no abstrato encontro minha realidade.” Já participou de exposições em Lisboa e em galerias virtuais.

SOBRE ETERNIDADES

De um profundo sonho, tão antigo,
Nas brumas da memória esquecida,
Onde o amor se fez silencioso,
E o tempo ecoa na alma ferida.

Na vastidão do universo errante,
Busco-te entre estrelas cintilantes,
Mas a distância, cruel amante,
Sussurra promessas inconstantes.

Se os sonhos fossem realidades,
Despertaria de ti, minha fonte,
A eternidade nos braços frios,
Onde a morte se encontra no horizonte.

Em devaneios de um louco solitário,
Contemplando a noite, seu calvário,
Entrelaço-me em versos, um relicário,
Onde reside o desejo mortuário.

A dor, essa musa inabalável,
Canta-me hinos de saudade,
Recordando tempos insondáveis,
De uma promessa na imortalidade.

Sob a luz pálida da lua,
Minhas palavras são punhais,
Cortando o véu da noite crua,
Buscando-te em sonhos infernais.

Se amor fosse prisão eterna,
Eu seria teu cativo por destino,
Mas a liberdade, tão moderna,
Nos chama para um amor divino.

Em jardins de lembranças desfeitas,
Floresce a esperança em segredo,
Num coração de promessas refeitas,
Desperto do teu amor, meu medo.

Quantas vidas se passam num instante,
Quantas lágrimas nascem do amor,

Quando o silêncio é teu semblante,
E a distância, um eterno ardor.

Na sombra de cada crepúsculo,
Vejo-te como um reflexo perdido,
E entre suspiros de um vínculo,
Amo-te no tempo, destemido.

Assim, entre versos e eternidades,
Minha alma desperta do sono,
Buscando-te nas vastas realidades,
Onde amor é eterno dono.



MARIA ALÍNIZA

Psicanalista Clínica, Sexóloga, pós-graduada em Terapia Cognitivo Comportamental em alta performance, especialista em Psicopedagogia Clínica e Pós-graduada em Neuropsicopedagogia em Educação Especial e Inclusiva. Possui MBA em Coaching Executivo, com participação e aprimoramento frequente em congressos, cursos e eventos relacionados à área. Atua na área da Educação Técnico-profissional há mais de 17 anos, apaixonada por pessoas, e amante dos livros de literatura brasileira.

O SILÊNCIO DA AUSÊNCIA MATERNA

No tecido intricado de minhas memórias, há um fio que se destaca pela sua ausência, pelo abraço não vivido, pelo medo do frio nas mais diversas estações. É o calor do abraço que nunca senti por tempo suficiente, a voz forte, com respingos de rancor, pelo abandono afetivo que ecoa no vazio dos meus dias. A ausência materna é uma sombra que se estende por cada momento da minha existência, uma presença marcada pelo seu não estar, pelo não olhar nos olhos e falar da grandiosidade que é o amor, levando-me a acreditar que não é efêmero, e que sua intensidade é real.

Lembro-me dos primeiros anos, do caminhar até a escola, onde sua falta era uma ausência palpável, uma presença negativa que se fazia sentir nos silêncios desconfortáveis e nas perguntas não respondidas, onde ela está?

A infância, um período de descobertas e aprendizados, foi tingida por uma ausência que deixou cicatrizes invisíveis, que são incuráveis. As mães das minhas amigas eram um farol de amor incondicional, enquanto eu navegava em águas turvas, tentando decifrar o que significava crescer

sem o alicerce maternal, a dor do pentear o cabelo, do cheiro forte que o vinagre deixa, me possibilitava de sermos próximas, de sentirmos o calor uma da outra, do bullying sofrido, tínhamos uma faísca de amor.

A adolescência trouxe consigo um vendaval de emoções conflituosas e avassaladoras. Era a busca por identidade e pertencimento, o desejo de preencher o vazio com outras figuras maternas que desempenhavam papéis temporários em meu coração ferido, era o toque abusivo de pessoas que infligiam os territórios abandonadas do meu eu. As feridas da ausência materna se tornaram parte de quem eu era, moldando minhas escolhas e minhas relações, levando-me ao mais sombrio poço, em que a saída parecia ser incerta.

Na idade adulta, aprendi a lidar com as lacunas deixadas pela sua falta. Criei minhas próprias defesas, ergui muros onde deveria haver acolhimento maternal, vivenciei o chamado disfarce existencial, em que o sorriso largo, escondem as dores e feridas sangrentas. Encontrei consolo na ideia de que, talvez, a ausência também tenha me ensinado a ser forte, a ser independente, a buscar a cura nas próprias entranhas. Sua ausência me fez ir

embora, sem previsão de retorno, seu abandono afetou meus relacionamentos.

Mas há momentos, nos dias tranquilos e nas noites solitárias, onde a ausência materna retorna como uma maré triste que inunda meu ser. É a voz que nunca escutei o suficiente, o afago que nunca senti completamente. É a pergunta que não posso mais fazer, a resposta que nunca ouvi. Sua ausência dói, levando-me a não notar a beleza dos rios, do azul do céu no verão brasileiro.

A ausência materna é um vazio que nunca pode ser preenchido por outra presença. É uma ferida que cicatriza, mas cuja marca permanece para sempre.

Na escola, observava com uma mistura de inveja e tristeza as mães das minhas colegas que participavam ativamente de suas vidas, com orgulho elas desdenhavam de mim, sua ausência era perceptível. Enquanto elas recebiam beijos de despedida e abraços de boas-vindas, eu enfrentava a solidão de uma criança que não podia compartilhar suas pequenas vitórias com a pessoa que mais queria impressionar. Sua ausência era um grito de socorro, a vi por mais de uma vez emocionalmente,

perdida em suas próprias batalhas internas que a afastavam de mim.

Enquanto caminho em direção ao meu próprio caminho de cura, sei que a jornada para reconciliar essas feridas é longa e desafiadora. Mas também sei que, apesar de tudo, há uma força silenciosa, que ecoa dentro de mim que cresceu na ausência, uma resiliência que floresceu nas sombras da solidão. Sou o resultado das experiências que moldaram meu ser, das batalhas que enfrentei e das vitórias que celebrei, mesmo as mais discretas e íntimas, que carreguei silenciosamente em lugares longínquos do meu natural.

Não sei o que o amanhã trará, mas sei que estou pronta para enfrentar o desconhecido com coragem e fé em mim mesma. Cada novo dia é uma oportunidade de crescimento e renovação. Que eu continue a crescer, a aprender e a ser a melhor versão de mim mesma, honrando quem fui, quem sou e quem ainda me tornarei.



MARIA CHOCOLATE

Meu nome é Maria do Carmo da Silva Miranda, mas todo mundo me conhece como Maria Chocolate. Nasci no dia 08/12/1962, em Bom Jesus do Galho/MG e já aos 13 anos fui professora comunitária, onde começa meu envolvimento com os livros. Em 2002, fundei o Grupo Comunitário Chocobim e, em 08/12/2006, junto com outras mulheres, mediadoras de leitura, fundamos a Biblioteca Comunitária MANNNS (Mulheres Amorasas Necessitadas de Navegar em Sonhos). Atualmente fazemos parte da Tecendo uma Rede de Leitura (Rede de Bibliotecas de Duque de Caxias) e da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Em 2019 publiquei o livro “Vozes Negra: tecendo a resistência”.

QUANDO A NOITE CHEGA

A noite chega depois de um dia de tanto corre corre sem parar.

Deito e começo a pensar.. são muitos os pensamentos, começo a rezar.

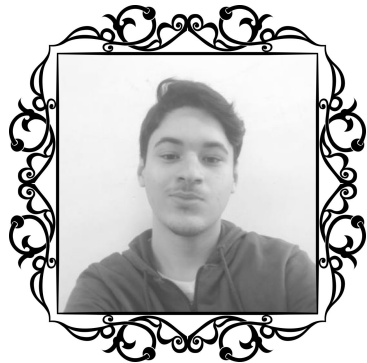
Ai, meu Deus, às vezes eu sinto uma vontade de sair por aí, com os livros nas mãos, oferecendo às pessoas e lendo pra elas. Às vezes parando e cantando, às vezes parando só olhando ou simplesmente dando um abraço e dizendo: você está linda, ou está lindo, com o livro nas mãos.

Caminho, sorrindo, olhando pra todos que passam por mim, vou encantando e contagiando com a magia que trago de dentro dos livros e transformo em realidade. Vendo em cada esquina da minha rua uma criança com um livro nas mãos, lendo pra outra criança, meu coração transborda de tanta alegria e começo chorar de soluçar.

De repente, abro os meus olhos e vejo que estava a sonhar.



**MATHEUS ANDRADE
ALMEIDA**



**LUCCAS MORAES
PASSOS**

Os autores já percorrem com coragem e avidez a estrada literária. Estudantes do 3º Administração na ETEC Mandaqui, escreveram as obras "Os 40 Poemas e Um escritor", "O Paradoxo da Geração Z: Uma Vida de Ilusão" e "1 Xícara de Amor". Além disso, estão presentes no livro "Antologia", proveniente da editora Livre Voar, ao redigir a poesia "O Jovem Carpinteiro e a Cidade: Um Encanto Entre as Diferenças".

AMOR E O SÉCULO XXI: DESAPEGO DA SAUDABILIDADE

O amor se vê perdido

Galopando em ruas desertas, busca-se um amor sem
saber seu endereço, apegando-se a qualquer apreço

Por escassez e rasos amores, vê-se relacionamentos
destruídos

Tão inúteis como frascos de perfume sem cheiro

Assim como uma fragrância perde seu odor

A fútil manada rejeitou o amor

Ah, quão maravilhoso é a dor

O vazio e a destruição do coração

Afinal, a atual paixão é amiga da senhora Perdição

O amor deixou de ser a alma do coração

Tornou-se centelhas de uma efêmera paixão

Esfarela-se como areia, causa uma voçoroca nas relações

Amar não é mais o que o outro é, mas aquilo que você
oferece

Egoísmo acima do altruísmo

Entoem as marchas fúnebres, cega geração
Aqui jaz o motor de uma nação
O amor é o novo mausoléu de memórias
Um velho contador de lindas histórias
Adeus, vida! Culpem as suas vanglórias. É O FIM!



MAYANE VITÓRIA DE ÁVILA SILVA

Mayane, é uma mulher Trans, sobrevivente das ruas, poetisa, Casada, Graduanda em Letras no IF Sudeste MG, apaixonada por literatura, poesia e escrita. Dedicase a expandir os horizontes da expressão poética. Desde sua primeira publicação não parou mais, ganhou espaço nas editoras e prestígio dos leitores, através de sua escrita e modo de expressão, intenso que leva o leitor ao êxtase e a reflexão. Seus textos inspirados pela vida nas ruas e na noite, revelam emoção e resiliência.

CARA OU COROA?

Entre as faces de um amor, moeda lançada ao vento,
Brilha o ouro do afeto, lado bom, reluzente e pleno,
Um sorriso que acalma e ilumina, um abraço
aconchegante,
É o lado resplandecente, onde o coração dança radiante.

Existe também o reverso, a face obscura e densa do amor,
O lado sombrio que se oculta na penumbra, a dor da
desilusão,
São lágrimas que caem como estrelas no céu noturno sem
fim,
Onde o amor se perdeu no labirinto dos desejos que se
desencontram.

Como uma moeda que gira, giram os humores do coração,
Entre o céu da felicidade e o abismo da separação,
E mesmo quando a sorte decide seu curso incerto e
imprevisível,
O amor persiste, entre altos e baixos, sempre indomável e
indivisível.

Assim são as faces da moeda, assim é o amor em sua
plenitude,
Um jogo de luz e sombra, uma dança eterna de virtude,
Que nos ensina, que o verdadeiro tesouro do amor,
Reside na aceitação mútua das faces da moeda, cara ou
coroa.



MAYHARA TAVARES JORGE

Sou Mayhara Tavares Jorge, nascida em Santa Maria Madalena, tenho 42 anos de idade. Casada com Elson e mãe de Emanuel e Mariana, moro em Nova Friburgo desde o nascimento e me estabeleci na Educação desde o ano 2000. Hoje atuo como professora e, também, como profissional técnica da Secretaria Municipal de Educação da cidade.

Contatos nas redes sociais:

Instagram: @mayharatavaresjorge

Facebook: Mayhara Tavares Jorge

METAMORFOSES

A cada metamorfose me encontro

Me refaço

Me abraço

Me consolo

Me assolo

Cada metamorfose aponta

O novo

O renovo

A tristeza

A surpresa

A beleza

De mudar

De se encantar e de se renovar



MICHELE CANEZ DOMBKOWITSCH

É casada e mãe de pets. Formada em Letras Português/Espanhol e Mestra em História da Literatura. Atua como professora na rede pública de ensino.

ODIADA

Sonhava em entrar no Facebook da odiada. Queria ver as curtidas, os comentários, as fotografias. Babava-se cada vez que pensava nas fotos dos eventos, das festinhas, das viagens, da formatura, do interior da residência da odiada. Certo dia conseguiu invadir a rede social da odiada. Conheceria os amigos, os lugares frequentados pela odiada. Entrou. Olhos fixos, sem piscar, sentou-se lentamente sem saber onde se sentava. Conheceria melhor a odiada: *ela sempre discreta*. Uma publicação, poucas curtidas, um comentário indiferente. Mais uma, duas, três publicações. A foto de uma flor, ampliou-a. Somente grama, muro e calçada. Nada, nem um pedacinho da parte de dentro da casa. Outra publicação, mais uma. Uma fotografia, algumas curtidas, alguns comentários. Não queria olhar a foto, mas olhava. Tentava se convencer que queria encontrar um defeito. Talvez o nariz achatado ou pontudo, uma espinha no rosto, uma mancha ou sinal. Nada. Longos, lisos e castanhos cabelos. Sem química, sem tinta, sem alisamento. Brilhava a odiada, talvez usasse filtro. Queria ampliar a foto para ter certeza de que naquela pele e naqueles cabelos havia filtro.

Quis ampliar para ter certeza do efeito, mas achou que se arrependeria. Primeiro comentário: *Que linda!* Inflou-se. Comentário seguinte: *Maravilhosa!* Inchou-se. Não olharia mais as fotos que aparecesse o rosto da odiada. Dedos correndo sobre a tela do celular, um frenesi. Mais algumas publicações. Cadê as fotografias dos passeios na praia, perguntava-se. Levantou-se rapidamente, orelhas vermelhas, suava. Um choro preso no peito... Decepcionada, amargurada, disse: *Só fotos de gatinhos!*



MIRNA MICHELI NESI

A autora escreveu 7 livros: Vingador Prateado, O final pode esperar, Nem te conto, Lendas do Medo, Crime na mansão Müller, Te conto tudo de novo e Os Unicórnios Encantados. Publicou contos, poesias e crônica em 20 coletâneas de diferentes editoras. Ganhou o prêmio: Melhores Contistas Contemporâneos em 2019. Em 2019 foi agraciada com a Comenda Machado de Assis pela Academia de Letras e Artes de Goiás. No ano de 2021 a autora tornou-se membro da NAISLA (Núcleo Acadêmico Italiano de Scienze, Lettere e Arti).

RECICLAGEM

O caminhão laranja vira a esquina e segue com sua rota pela rua residencial numa bairro do subúrbio. Os garis que recolhem o lixo para dentro do caminhão percebem que o lixo da rua toda está remexido. Os trabalhadores ficam irritados, mas conseguem seguir com seu cronograma sem grandes atrasos. No outro dia de coleta a mesma coisa. E assim seguiram os dias de coleta. Os lixos estavam sempre abertos e espalhados.

— Agora toda vez é isso? — reclama um gari pra outro.

— Teve ter algum cachorro mexendo no lixo.

Para facilitar o trabalho dos garis distribuíram panfletos nas casas dos moradores orientando como embalar o lixo para que cães da rua não rasgassem os sacos. Os moradores se solidarizaram com os garis e assim o fizeram. Entretanto o problema não foi solucionado. O lixo continuava sendo rasgado e exposto, dando muito trabalho para os garis que tinham que catar todo o lixo antes de jogar no caminhão.

– Não é possível! Esse bicho continua mexendo no lixo. – reclama mais uma vez o gari para seu colega de trabalho.

– Oh Inácio, vamos passar em outro horário e levar esse cachorro pra sede. Lá a gente arruma alguém pra adotar esse bicho.

Os trabalhadores se organizaram para passar mais cedo na rua com o problema do lixo. Logo que o caminhão vira a esquina os garis descobrem o problema. Tem um mendigo remexendo no lixo.

– Ou! – grita Inácio irado com a atitude do rapaz – mexe no lixo, mas não espalha! Não tá vendo que tá atrapalhando o trabalho da gente e emporcalhando a rua?

O mendigo se assusta com os gritos de Inácio. Pega dejetos do lixo e arremessa no caminhão antes de sair correndo. Inácio, que não é o pai da paciência e costuma comprar briga, sai correndo na direção do homem ainda mais irritado e indignado. O mendigo está fraco e debilitado. Tenta correr por alguns metros, mas cai na calçada. Inácio, inundado de raiva por causa das atitudes do morador de rua, o segura pelo colarinho da roupa esfarrapada com o punho em riste.

– Tá maluco?!

– Não bate, por favor... – suplica o morador de rua enquanto leva suas mãos a frente do rosto.

Inácio olha diretamente no rosto do rapaz e lembranças de conhecê-lo surgem em sua memória. O gari fica paralisado segurando a gola da camisa do mendigo com o punho em riste. Seu colega de trabalho chega para apaziguar os ânimos.

– Deixa disso. – seu colega de trabalho o puxa pelo braço afastando-o do rapaz – O cara teve estar chapado. Deixa isso pra lá.

– Perai Zé... Eu conheço esse cara.

O mendigo tenta esconder o rosto, mas era tarde demais.

– Tchá carai! – exclama o Inácio surpreso – rapaz... é tu. Carlinhos do agogô?

– Oxe! Carlinhos do agogô?! – exclama o colega de Inácio surpreso ao ouvir o nome do astro da música famoso na década de 90 e conclui ao observar com mais calma o rosto sujo do mendigo – Não é que é mesmo.

Os trabalhadores estavam curiosos para conversar com o antigo ídolo da música e saber o que aconteceu

com ele. O envergonhado astro decadente tenta se esquivar dos olhares curiosos até que o motorista os chama para o trabalho. Num piscar de olhos Carlinhos do agogô se recupera e corre dos garis quando eles conversavam com o motorista do caminhão. Eles voltam para o trabalho especulando o que tinha acontecido com o músico.

No outro dia o lixo da rua residencial não estava mais rasgado e espalhado. E assim se repetiu em outros dias de coleta.

– Rapaz, acho que o Carlinhos do agogô sumiu de vez heim Zé.

– Ele não deve ter ido longe. Vou ficar de olho pra ver se acho ele de novo.

Durante o serviço de coleta os garis notaram o acampamento improvisado de um morador de rua num viaduto. Inácio se comprometeu a ir até o local fora do seu horário de trabalho averiguar se era o astro decadente.

Inácio para seu carro velho perto do viaduto e caminha na direção do amontoado de papelão levando uma quentinha. Ao se aproximar ele reconhece o astro da sua época de adolescente.

– Carlinhos?

O ex-famoso acorda confuso. Há muito tempo que não o chamam pelo apelido. Ele desperta sobressaltado se afastando do gari. Inácio levanta uma das mãos e tranquiliza o morador de rua.

– Calma. Vim em paz. – estende a outra mão com uma quentinha suspensa num saco plástico.

– Obrigado. – Agradece Carlinhos puxando a quentinha e a demorando em seguida. Fazia dias que ele não comia de forma descente.

Inácio fica sem jeito de iniciar uma conversa com Carlinhos e o espera terminar de comer. Enquanto está devorando a quentinha, Carlinhos se desculpa.

– Foi mal pelo lixo e a parada lá com o caminhão.

– Águas passadas.

– Qual é o lance? Vai me levar pra um abrigo?

– Não pensei nisso. Queria te ajudar. Como você veio parar na rua?

Carlinhos resume o que restou da vida dele com uma palavra:

– Drogas.

Inácio deduz o caminho que o antigo astro percorreu para terminar daquele jeito e não pergunta mais nada sobre o seu passado. Ao invés disso faz uma proposta para o músico.

– Tá afim de tocar na sede no evento de final de ano?

– Quê?

– Você ainda lembra como tocar instrumentos de percussão e das músicas de antigamente?

Carlinhos para de mastigar e fica em silêncio buscando a resposta pra essa pergunta em sua memória e finalmente responde:

– Sei.

– Então você aceita fazer um show na sede?

– Por que eu?

– Ué... Você é músico. Já foi um grande ícone da música, não temos dinheiro pra bancar uma confraternização cara e a maioria da galera lá sede era seu fã naquela época. Aceita ou não tocar na sede?

Depois de tantos anos vivendo como um fantasma pelas ruas, sendo ignorado e enxotado Carlinhos se sentiu tentado a provar do gosto dos shows de novo. Mesmo

que fosse algo pequeno e sem importância perto dos shows que ele fez quando famoso.

– Está certo. Eu vou.

Carlinhos chega mais cedo na data combinado. Toma um bom banho, faz a barba e corta o cabelo antes do show. Durante o evento um conhecido de um amigo de um primo do Zé foi até o evento analisar o desempenho do músico. Ao final do show ele teria uma oportunidade única de se reerguer de novo.

– Carlinhos? – estende a mão para o músico de uma produtora.

– Oba. – cumprimenta o senhor de cabelos e barba bem aparados.

– Você ainda não perdeu a velha forma.

– É... Pena que as músicas daquele tempo não vão voltar mais a moda e mesmo que voltasse já estou muito velho para retomar a velha carreira.

– Verdade. A velha carreira é impossível. O tempo não volta mais. Entretanto sempre há um jeito de recomeçar de novo. Quero te contratar para ser meu produtor musical. Você já é músico e tem experiência. O que me diz?

Os olhos do músico ficam marejados.

– Obrigado. – agradece com um sorriso e abraça seu novo patrão.

Carlinhos agarrou sua nova oportunidade de reciclar sua vida. Ele sabe que os caminhos que percorreu deixaram marcas e que seus desafios serão muitos maiores se quiser se reerguer e vencer na vida de novo. Mas todo esforço valerá a pena.



MONIQUE LIMA ANGELO

Escreve sobre diversos temas importantes, como a esquizofrenia, já que seu pai possui esse transtorno. Seu nome artístico é Monique Angel, pois seu sobrenome é Angelo e tem a pretensão de ser como um anjo na vida de muitas pessoas através da sua escrita.

EM BUSCA DE MIM

Nas curvas da vida, me desviei
Em reflexos distorcidos, não me encontrei
Mas cada passo incerto, cada dúvida que vem
É um mapa, um sinal, para o meu próprio bem

Me perdi de mim mesma, mas não é o fim
É o começo de uma busca, um novo jardim
Onde cada flor que brota, cada nova cor
É um pedaço de mim, que ainda tem valor

Vou me reencontrar, nas páginas da vida
Nas histórias esquecidas, nas feridas já curadas
Porque me perder é também uma forma de aprender
E no fundo desse abismo, uma luz vou acender

Então, se me vires por aí, em tua jornada
Saiba que estou voltando, da longa caminhada
Me encontrando, me conhecendo, me amando
E de mim mesma, nunca mais me afastando.



NATHÁLIA SANTAS

Escritora, filha da Viviane e do Flávio, irmã da Bárbara, madrinha da Maya, neta do Joaquim, da Fátima e do Manoel, amiga da Jéssica, do Davi e de muitos nomes, amante de animais, amante de cinema e livros, amante de música e chocolate, amante de pessoas e amada por pessoas.

LISBELA E O PRISIONEIRO

Por que você teve que me olhar tão de perto?

Ficou flagelado em minha mente a visão do seu rosto tão perto do meu.

Seus olhos fechados, com o semblante relaxado, fizeram meu coração se enganar. Seu nariz encostando no meu, trocando a energia quente dos beijos que demos. Suas pálpebras se erguendo e seus olhos encontrando os meus, cravando a intimidade em um momento simples.

Marcando-o em mim.

A sua respiração profunda ecoou pelo meu corpo, era como a brisa fresca do oceano passando pelas minhas veias e artérias, relaxante. Era como se eu te escutasse pelo rádio.

Se pudesse abrir minha mente agora, veria ela repleta de detalhes do seu rosto

Aquele que sempre despertou meus sentimentos distintos, desde o início até o fim, eu ainda não soube explicar o porquê de você

Por que decidiu voltar e ser algo para mim?

Por que você pode ser algo para mim?

Talvez o que mais me chateie, além destas dúvidas, seja o fato, puro e real, de:

Você, sem mesmo querer, me enxergou de forma pura e real.

E naquele dia, eu senti como se estivesse... a dois passos do paraíso. Sintomas de paixão, talvez?

Mas é difícil sustentar o que resta depois da urgência. A angustiante verdade é que há muito querer no gostar, no sentir, no amar. É necessário muito querer no amar. Tem que querer para amar. E para não amar, o querer é em dobro.

A angústia se aloja na difícil sintonia de querer ao mesmo tempo e tão quanto se é necessário.

Por mares, terras e céus eu caminhei
Procurando aquilo que se parecia com você
Procurando aquilo que me fazia sentir você
Procurando em tudo que eu via, um pouco de você.

Para então descobrir
Que só caminhei pelas vielas de minha própria mente

Fazendo a mim mesma de prisioneira
Nas memórias e devaneios que eu ainda tinha de você

Achando que você deixaria pequenos vestígios de si
mesmo pelo mundo

Na vontade de eu encontrá-los

E no desejo de eu persegui-los

Para te encontrar novamente

Sem que você precisasse me procurar.

E não importa quantas palavras eu utilize, tampouco
quantas frases elabore, tudo que eu disse ainda não
explica como eu me senti sobre você.



NICE NEVES

Nasceu e mora em São João de Meriti no Rio de Janeiro. É professora, escritora e poetisa. Faz parte da Academia de Letras e Artes de São João de Meriti. Publicou os livros “Epiderme Poética” e “Cantos de Anahí: uma viagem recheada de tapioca e poesia”. Faz parte dos coletivos Encantadores de Letras, Samba Literário e Aleatórios. É mãe do Gustavo e sonhadora por opção.

TEIA

Amanheço com as teias de orvalho
a acariciar a alma.
Faço e me desfaço no cotidiano,
repleto de intempéries, surpresas e sorrisos.
A vida é gigantesca teia.
E quando as linhas se encontram.
Surgem instantes compartilhados:
o meu, o seu, os nossos.
Às vezes, personifico Aracne.
Amanheço e teço.
Criando caminhos,
Onde me perco e me encontro.
E os nós surgem como ato de rebeldia.
Nós que eu mesma criei.
Nós que a vida me presenteou.
Eu os ponho para fiar.
Ora criando armaduras,
uniforme da mulher guerreira,
Ora túnica, que resplandece como o sol,
mesmo em dia de inverno,

daqueles bem frios e nublados.

Quatro estações em uma única peça.

E é com ela

que me visto com a delicadeza das manhãs.



NOEMIA RODRIGUES

Sou Noemia Rodrigues, tenho 3 filhos e 3 netos. Sou uma pessoa simples e romântica à moda antiga. Temente a Deus sempre. Tenho defeitos e qualidades, mas procuro ajudar o próximo. Gosto muito de conversar e escrever, principalmente poesia. Também amo muito passear, esportes e natureza.

COMO DE COSTUME

Levantei-me no mesmo vagar dos dias em que acordo sozinha, quando já foste trabalhar, mas para meu espanto estavas na sala, parecendo fitar-me. Eis que tu passas por mim, entras no banheiro, escovas os dentes, olhas cada um para ver se estão mais brancos, pois é preciso impressionar o chefe e os clientes. Tento lembrar se estamos brigados ou não, o que é extremamente difícil a esta hora da manhã. Nada me vem à memória. Em vão balbucio algumas palavras para confirmar se tu me ouves. Nada. Se tivemos brigas deve ter sido algo sério, penso comigo. Arrumas tua bolsa como de costume, bufando, e eu me perguntando por que não me lembro, começo a irritar-me, também como de costume. De nada adiantou bradar e quando bateste a porta dizendo como estavas atrasado – como de costume – um gesto ficou faltando, e voltaste sem pudor à beira da nossa cama para me dar o beijo de antes de ir para o trabalho, mas, pasmem, eu não estava lá, quer dizer, eu estava, sendo que tu não conseguias me ver, então, sem ar, saíste novamente, porta afora. À soleira, esperei teu gesto como de costume, mas

de novo passaste por mim como se não me enxergasse. Busquei os chinelos para ir ao teu encontro, calçando-os num automatismo louco, sem olhar sequer para o chão, abrindo a porta. Não te vi, vi apenas o vizinho vindo em minha direção com um risinho safado que me cobriu de rubor interno e externo. Não pude olhar para o meu próprio corpo mas ao apalpá-lo pude constatar o temível: estava completamente nua. Voltei correndo de marcha a ré e tranquei a porta, o homem porém a esmurrava sem dó, rindo de um jeito que é melhor que nem seja descrito. Bufando e resmungando - como de costume - subiste as escadas em velocidade. Soltei um suspiro de alívio, o vizinho afastara-se encabulado dizendo que errara de porta. Fizeste cara de quem não entendeu e passaste a chave na fechadura, vi tudo pelo olho mágico, abriste a porta tão abruptamente que despenquei no chão. Tonta, mal pude ver o que pegaste em cima da mesa, saíste tão rápido quanto entraste. Só mais uma briga, pensei, deve ter sido grave, ele deve estar chateado, só gostaria de saber o porquê de eu não conseguir me lembrar. Resolvi continuar a vida, isto deve passar, vou tomar um banho, antes lavar os olhos, colocar a lente... Mas o espelho, que

costuma refletir imagens, que devia refletir imagens, não refletiu a minha.



PATRÍCIA RODRIGUES ROCHA

Sou Patrícia Rodrigues Rocha, tenho 45 anos e sou professora. Desde pequena, gosto de escrever. Poesias, então, amo demais!

Em outubro de 2020 me foi solicitada uma poesia sobre o livro.

Eis a empreitada!

SIMPLESMENTE, LIVRO

Suporte para as mais incríveis histórias.
Reduto das mais variadas memórias
que não podem ser perdidas!
Parceiro de todas as horas,
companheiro de ontem e do agora
que temos de preservar!
Físico ou digital
o livro é imortal.
Que continuemos a viajar
sem sair do lugar
e bons conhecimentos possamos encontrar!



PRISCILA SOUZA

Estudante de Licenciaturas em Ciências Biológicas, nascida em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro. É amante de natureza e fotografia, achando na escrita uma forma de transmitir uma mensagem de libertação.

DENTRO DA CACHOLA DA CRIANÇA

Eita! Criança contente
Que dança corre atrás da gente
Brincando até sozinha, soltando a imaginação
Vai correndo pela rua
Conversando com as pedras no chão
E até mesmo com sua própria mão
Criança pequena de sorriso gigante
Por onde passa deixa uma alegria contagiante
Cabelos longos cacheados que o deixa confiante
Dono de sonhos inimagináveis
Sua imaginação corre solta pelos ares
Tem horas que é um Cavaleiro
Em batalha num Castelo Medieval
Minutos depois já está voando num foguete
Rumo ao espaço sideral
Tem pensamentos tão vibrantes
Que com tinta, papel e pincel
Consegue desenhar um Dinossauro sentado
Comendo biscoito
Num arranha-céu

Com pecinhas de Lego monta uma cidade completa
Com direito a uma ciclovia pra andar de bicicleta
Como são férteis esses pensamentos
Eles voam e bailam com o vento
Inventa histórias e fábulas cheia de emoções
Transbordando nossos corações
Aproveite cada momento
Viva sua infância
Oh! Doce criança.



**APARECIDA RENATA MARQUES
DO SACRAMENTO**

Libriana, professora de história do ensino fundamental e médio de escola pública e particular. Uma apaixonada pela artes e descobrindo-se escritora.

SER MULHER PRETA

Ser Mulher Preta é ancestralidade!

Ser Mulher Preta é saber!

Ser Mulher Preta é luta!

Ser Mulher Preta é luz!

Ser Mulher Preta é coragem!

Ser Mulher Preta é saber que o caminho deve ser desbravado!

Ser Mulher Preta é ser empoderada!

Ser Mulher Preta é amar-se!

Ser Mulher Preta é nunca "baixar a cabeça"!

Ser Mulher Preta é ser da terra, do fogo, do ar e do mar!

Ser Mulher Preta é ter a certeza do seu valor sempre presente nesta incrível jornada chamada VIDA.

Então, Mulher Preta, simplesmente seja!

UM DIA DE CADA VEZ...

Um dia de cada vez...

...e está tudo bem.

Por que se cobrar?

E não relaxar?

...e sempre estará

Se você acreditar!

...se você confiar!

...se você energizar!

Portanto, permita-se!

Afinal, um dia de cada vez e está tudo bem!



SHIRLEY DA ROSA GARRIDO

Carioca, residente em Duque de Caxias, professora e Assistente Social, trabalho com projetos sociais desde 1993. Atualmente atuo como gestora e mediadora de leitura da Biblioteca Comunitaria Josimar Coelho da Silva que integra a Rede de Bibliotecas Comunitárias Tecendo Uma Rede de Leitura desde 2013, a RNBC - Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias onde atuo no Conselho Gestor e na REBCRIO - Rede Estadual de Biblioteca Comunitárias do Rio. Escritora iniciante, amo poesias, participei em 2021 da antologia "Cantando Auroras - quem conheceu a saudade pode cantar Auroras", organização de Andreia Marques. Em 2023 como organizadora e escritora da antologia pelos "10 anos da Tecendo uma Rede de Leitura" e em 2024 da antologia "Amor & Esperança" e "Sentimentos Escritos" organizados por Andreia Marques.

TODOS OS MEUS RUMOS.

Há sempre uma sombra em meu sorriso.
Ouvir a sua voz me faz tremer.
Foi seu amor que fez isso comigo.
Só não me ensinou a te esquecer.
Lembrar você desperta o desejo em mim de te procurar.
Sem saber onde te encontrar...
Há um mundo de saudade em meu olhar.
Por mais que eu procuro caminhar sozinha,
Todos os meus rumos atravessam o seu caminho.
E por mais que eu tente desviar meus passos, acabo
sempre em seus braços.
Repito pra mim mesma frases pra te dizer, mas não
consigo.
Seu olhar me faz ficar calada.
Fogem todas as palavras.
E volto novamente para seus braços.



SIDNEY SANTBORG

Nasceu em Coroaá-MA. Um sonhador, um pensador... um escritor e advogado! Prefere descrever os cenários da alma a descrever os cenários do mundo. É autor dos livros: "Sonhos de Papel - Os escritos invisíveis de Isaura Adina Buzzar", "ANAMNESE - Um Louco Coração" e "Escola de Um Destino".

AMOR, A ALMA DO CORPO

Mais um dia começou e eu fiquei aqui...
Mais um dia terminou e eu estou assim...
Sem saber que caminho seguir...
Parado, sem saber para onde ir...
Esperando respostas que nunca vêm...
Esperando alguém que não sei se vai existir.
Dizem que “todo pé cansado tem um chinelo velho”.
Dizem que “toda tampa tem sua panela”.
Mas essa busca me cansa!
Cansa-me ver o mundo sem a poesia.
Cansa-me imaginar a musa inspiradora.
Cansa-me a verdade da arte mentirosa.
Cansa-me o grito sufocado pelo medo.
E aquela lágrima que não cai...
É aquela dor que não sai...
Deixando uma ferida interna.
Deixando oco meu coração!
Deixando o vazio em minha alma...
Quero a motivação para a poesia!
Quero a inspiração para a vida!

Quero a metade do meu coração!
Quero a alma para o meu corpo...
Eu quero encher-me de amor.
E não vagar pelo mundo sem direção.
Como um espírito perdido nas trevas...
Em busca da luz para a sua salvação.



SOFIA LOPES

Sofia Lopes é escritora, tradutora e pesquisadora. Por formação, é bacharela em Língua Inglesa e Respectiva Literatura e mestra em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Sua escrita é focada em contos, poemas e obras interativas, e suas publicações incluem dois livros, intitulados 'Galatea' e 'Carbon Made', além de jogos de ficção interativa e múltiplos textos publicados em antologias brasileiras e internacionais.

PALAVRAS (SOBRE A CONSTITUIÇÃO ETÉREA)

À luz da desarticulação
Sob a multiplicidade de estrelas
Sua existência é esboçada

Seu nascimento,
A catarse cósmica —
Ânsia divina secreta
Pela essência perpetuada

A anatomia de anjos, dissecada
Consiste de teias de rubro
Entremeadas por nódoas de anil
A pele, o relicário
Manto sobre artefato sagrado

A aura santa reside em suas mãos,
Artífices do irrealizável,
Portadoras do interdito
A proporção — perfeição,
Concretizada em membros,

Em ângulos,
Em atos fluidos

O mecanismo,
O tecer de engrenagens
Padrões abstratos
Forjados em graça
Sob ossos,
Entre celas calcárias

Um jogo de agulhas e tramas,
O ato de desfazer-se
Fracionar carne e alma
Desmantelar-se em meandros
Desatar tessituras

(E recriar-se, emendar
A destruição
Enredar restos
À matéria virgem –
Dar luz às trevas.)

SELENOFILIA (VITÓRIA-RÉGIA)

Há aqui uma inquietude,
A promessa do intangível
Que se faz matéria viva –
Véu da noite
O espelho, o espaço
Entre o toque e o
Intocável

Se minhas mãos hão de
Perfurar o abismo,
Toma-as para ti,
Toma-me inteira,
Que já não há mais
Parte de mim
Insubmersa

Deita-me às águas,
Incide em luz e
Nácar – toca
Cada pétala

Até que desabroche,
Rio em flor, tributo
A teu amor.



TAIANA JANAINA VARGAS RIBEIRO

Sou Escritora. Coloco sobre o papel tudo que sinto, as dores, os medos, os pensamentos. Demonstro através das palavras o que não consigo dizer, refletindo aos outros o que está em mim. Através da escrita, meus pensamentos voam e a mente se acalma, por um breve instante de imaginação. Faço das palavras abrigo, com elas eu sou tudo que meu coração sentir.

ENTRE POEMAS E VERSOS

Os versos conduzem a alma de quem se entristece,
Como uma vaga luz que no escuro aparece.
Eles são uma saída,
Um sentido na vida
De quem chora e padece.
O primeiro passo a ser dado,
Se libertar do passado
Que a tantos enlouquece.
Através de um verso puro
Se enxerga um futuro,
O semblante agradece.
Com um pouco de poesia,
Vira até melodia,
Aquilo que a alma fere.
Rimando um verso se prova que deixa o ser mais leve.
A vida as vezes é bruta
E em meio a tanta luta a gente até se esquece...
Se esquece de viver,

E em meio a tanto "querer" chegamos a nos perder
Tentando nos encontrar.
E nessas idas e vindas
A poesia que é linda faz a gente repensar.
Contemplando o agora,
Deixando que do futuro
O destino irá cuidar.
Mas caso ele não cuide
É conversa para outro dia.
Apenas viva o momento
Como sendo poesia.



TATI TUXA

Norte-mineira, autora de livros infantis e, sobretudo, sonhadora, sempre foi apaixonada por leitura e escrita! Com o nascimento da irmãzinha, em 2016, redescobriu o seu encantamento pelo universo infantil. Inspirada pelas pelúcias que ganhava do namorado, começou a escrever as primeiras historinhas... e não parou mais! Com tantos textos para dividir com o mundo, em 2023, a escritora fundou o Clube Criativo Tati Tuxa.

POR QUE NÃO EU?

Nós nos conhecemos desde que somos crianças. Éramos vizinhos e estudávamos na mesma escola. Éramos da mesma turma e sentávamos lado a lado. Do Jardim de Infância ao Ensino Médio. Sempre fomos melhores amigos.

Prestamos vestibular para a mesma universidade. Cursos diferentes. Passamos. Morávamos no interior e o campus era na capital. Tivemos que nos mudar. Fomos morar juntos. Além de dividirmos as despesas, um apoiaria o outro nessa nova jornada das nossas vidas.

Parecia história de filme. Quase uma comédia romântica. Mas não havia romance entre nós. Pelo menos, não a princípio. Era só amizade. Mesmo. Até que algo mudou. Mas só para mim. Não sei dizer como isso aconteceu. Acredito que tenha acontecido aos poucos.

Fato é que lembro claramente do exato momento em que me dei conta da mudança dos meus sentimentos. Foi no mesmo momento em que eu também soube que não era recíproco. Para ela, eu continuava sendo o bom e velho melhor amigo de sempre.

Estávamos há alguns meses na capital, meio focados nos estudos, meio preocupados em nos adaptarmos à nova rotina. Como fazíamos cursos diferentes, nossos horários também eram diferentes. De forma que não tínhamos o mesmo tempo de antes para conversarmos e nos atualizarmos sobre a vida um do outro.

Nessa nossa nova realidade, nós dois acabamos fazendo novas amizades, nas nossas respectivas turmas. Às vezes, reuníamos os dois grupos. O que poderia ser chamado de “encontro de dois mundos”: o de exatas, com o de humanas. Eu fazia parte do segundo. Estava cursando Letras. Ela, Engenharia. Ela era a “razão” da nossa dupla. Eu, a “emoção”. Apesar de eu nunca ter sido muito bom em expressar meus sentimentos.

Certo dia, em uma dessas reuniões dos dois mundos, ela chegou acompanhada de um novo rapaz. Novo para mim, pelo menos. De mãos dadas. Ao olhar nos olhos dela, percebi que estava apaixonada. Apesar de não ter me contado nada a respeito daquele namorado ainda (já seriam namorados?).

Foi neste exato momento em que eu percebi que o que eu sentia por ela não era apenas amor de amigos. Era mais. Pelo aperto que eu senti no coração, muito mais. E o que era aquilo que eu estava sentindo? Ciúmes? Talvez. Mas, provavelmente, também uma avalanche de outros sentimentos... Talvez ali tenha começado a minha comédia romântica da vida real. Ou seria um drama? Tentei disfarçar a minha surpresa e as minhas recém-descobertas, e um tanto confusas, emoções. Ainda bem que eu era bom nisso.

O rapaz parecia ser gente boa. E a fazia sorrir. E o sorriso dela era o mais lindo de todos! Iluminava o meu mundo! Mesmo que ela nunca tivesse sorrido daquele jeito para mim. Por que não?

Mais tarde naquele dia, quando estávamos só nós dois em nosso apartamento, ela finalmente me contou toda a história. Que, na verdade, ainda era uma história curta.

Haviam se conhecido na biblioteca da universidade há pouco mais de uma semana. Ele cursava Medicina. Haviam se encantado um pelo outro quase que instantaneamente. Amor à primeira vista. Como nas

comédias românticas. Mas, nesse enredo, eu não fazia parte do par principal. Eu era o secundário. O que sobrava.

Depois de se conhecerem, começaram a conversar pelo *WhatsApp* e a se verem todos os dias. Logo veio o primeiro beijo. Perfeito, segundo ela me disse. O pedido de namoro ainda não ocorrera. Contudo, ela estava na expectativa de que não demoraria a acontecer.

E não demorou mesmo. Em menos de um mês, eles já eram oficialmente namorados. Com direito a pedido romântico e tudo! Eu, claro, mesmo que com o coração partido, celebrava cada alegria dela como se fosse minha. E, de certa forma, era. Aquela história de que, quando a gente ama de verdade, a gente quer ver o outro feliz. Porém, também era minha tristeza, meu sofrimento. Só meus. E de mais ninguém.

Já o sorriso dela, aquele mais largo e lindo de todos, era só para ele. Por que não para mim? Por que não eu a ter a capacidade de fazê-la se sentir daquela forma?

Os meses foram se passando e, como costuma acontecer com todo mundo que começa um

relacionamento amoroso, ela foi se afastando dos amigos. Inclusive de mim.

Entretanto, o namoro, que começou como um mar de rosas, parecia que ia, pouco a pouco, naufragando. O sorriso dela começava a diminuir. E eu me sentia mais triste ainda. Ela começou a desabafar comigo. E, nessas horas, eu só pensava: por que sou eu que tenho que escutar as dores dela? Logo eu que a amo tanto e faria de tudo para fazê-la feliz! Tudo mesmo! Inclusive escutá-la falando dele, quando o que eu queria mesmo era estar falando de nós dois.

Nos dias em que ele dava um bolo nela, falando que tinha compromissos no hospital, ou tomava um chá de sumiço, eu corria para providenciar um jantar para nós dois. Como eu nunca soube cozinhar, pedia pelo aplicativo. O prato favorito dela. Mesmo eu não gostando muito. Ela nem parecia notar o meu esforço. Nem a comida, às vezes. Mas o vinho ela nunca deixava passar. Eu preferia a minha cervejinha. Ou não bebia nada mesmo. De tão preocupado que eu ficava com o tanto que ela bebia.

Sentávamo-nos no sofá e procurávamos um filme para assistir na plataforma de *streaming*. Ela, que antes detestava dramas, agora só queria assistir aos mais tristes possíveis. Agarrava-se ao travesseiro e, enquanto as cenas passavam na TV, chorava. Eu sabia que ela estava chorando por ele. O filme era apenas uma desculpa.

Eu me segurava para não me aproximar dela, abraçá-la e declarar todo o meu amor. Não seria justo com ela. Nem comigo. Não naquelas circunstâncias. Por que eu tinha que passar por aquilo, sem poder ajudar nenhum de nós dois?

No outro dia, ele aparecia, pedia desculpas, ela aceitava, eles se reconciliavam. Aos poucos, o sorriso largo reaparecia. Ainda que um pouco mais fraco a cada volta. E logo sumia de novo. Junto com o sumiço dele.

Desabafo. Jantar de aplicativo. Vinho. Cerveja. Sofá. Filme. Travesseiro. Choro. Corações partidos. O dela. E o meu. Ciclo que passou a se repetir com uma frequência indesejada.

Até que um dia o término pareceu ser definitivo. E eu me enchi de coragem para falar a ela dos meus sentimentos. Já havia esperado tempo demais!

Abri meu coração. Falei de todo o amor que eu sentia por ela. Não só do amor de amigos. De muito mais do que isso. Por que não eu? Por que não eu para fazê-la dar o sorriso mais largo e lindo do mundo? Por que não eu para amá-la como ela merecia? Por que não eu para cuidar dela? Por que não eu para fazê-la feliz para sempre? Por que não eu?



THAIS FAUSTINO BEZERRA

Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).

<https://www.instagram.com/escritadagirassol/>

Gratidão, Deus!!!!

NO CAMINHAR DA MINHA VIDA

No caminhar da minha vida,
Desabrochou tanta resiliência:
Esperança, sabedoria
E muita gratidão.

No caminhar da minha vida,
Desabrochou tantos desafios:
Medos, incertezas
E transformações.

No caminhar da minha vida,
Desabrochou tantos propósitos:
Sonhos, memórias
E realizações de uma vida bem vivida.

No caminhar da minha vida,
Foram tantas bênçãos
Que sou imensamente
Grata por cada circunstância
No caminhar da minha vida.



THIAGO ZSCHORNACK

É pós-doutorando em engenharia do conhecimento (UFSC), PhD em Engenharia e Gestão do Conhecimento, mestre em Saúde e Meio Ambiente. É graduado em Engenharia de Produção e Administração. É escritor, professor e gestor. É autor de cinco livros. É mentor em programas de empreendedorismo e inovação, tais como: Inovativa, Catalisa, Semear, Joule, Conexthon, entre outros.

RITA - UMA DESILUSÃO EM DOSES

No começo, tudo era um encanto divino,
O efeito brilhava, como estrela a cintilar,
As emoções, livres, em um rio cristalino,
Cada instante, uma dança, a vida a celebrar.

Com o tempo, o encanto foi diminuindo,
O efeito ainda bom, mas breve a se apagar,
Uma tênue ansiedade, aos poucos emergindo,
Um sussurro inquietante que não queria calar.

Mais adiante, um vazio começou a se alastrar,
A apatia, uma sombra constante a pairar,
A procrastinação, aliada indesejada a se instalar,
O alvo, agora oculto, difícil de alcançar.

No fim, a lembrança esvaiu-se, turva e confusa,
A irritação e a preocupação, um fardo a carregar,
A busca pelo sentido, uma estrada difusa,
Já não sabia, na verdade, onde queria chegar.

E assim se deu a amizade com Rita,
Forçada, mas com boa intenção,
Daquela mágica para a mente aflita,
Restou mesmo só angústia e desilusão.

(Poema que retrata o reflexo do uso indiscriminado da ritalina)



THIFANI KELLY DE ARAUJO DA SILVA

Me chamo Thyfani, atualmente tenho 17 anos. Meu nome foi descoberto através de um livro. Desenho croquis de moda há 7 anos. A escrita surgiu em uma momento de descoberta. Fui influenciada pelos meus amigos e professores. E estou amando a minha nova paixão.

ADOLESCÊNCIA

Não senti pouco

Tudo senti

Tudo em mim grita!

Sinto muita fome, raiva, ansiedade e tristeza.

Parece o fim de mundo

Ou começo do meu mundo

Há coisas que não entendo.

Uma mistura de sensações em mim.

E quando eu me apaixono

Eu amo, amo muito!

Quando sofro é em dobro

Quando estou feliz, contágio muito por sentir demais.

Quando eu fiquei mocinha

Meu mundo se desmoronou

Minha mainha se alegrou

Eu achava que era apenas uma vez

Mas não, vem todos os meses

Eu sempre ficava arretada com a maligna cólica.

Adolescência não é fácil nem difícil
Apenas uma fase.

RENATINHA, A CUPIDO

Haviam coisas que eu não entendia.
Haviam coisas que eu não sabia.
Outras que nem sonhava em fazer.
Mas no fundo, você sabia
O quanto eu era capaz.

Renatinha foi meu cupido.
Apontada com a flecha para os caminhos.
Descobri um novo mundo
E nele ela se manteve.
Onde eu estivesse, ela sempre se mostrou presente.

Minha cupido, te devo tanto
Graças a você descobri

Uma outra paixão:

A escrita.

Como você sempre diz para mim: você nasceu para ser
das artes.

Você sempre com essa setinha ali e aqui

E eu fui e continuo seguindo.

À minha Cupido, Renatinha.



VANESSA CLASEN

Jornalista e Especialista em Inovação Estratégica. Autora do romance "Nas sombras da lembrança". Possui contos publicados em antologias: "Cravo e sol", no 5º Concurso Literário do Sinergia e "O queijo cottage", em O Novo Conto Catarina.

AGONIA DOS SENTIDOS

Eis a cidade às sete horas da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. A chiadeira de velhas buzinas se mistura a das sirenes. No ônibus, o silêncio sepulcral é interrompido somente pelo freio abrupto do motorista seguido por palavras de calão e comentários perdidos sobre o tempo. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Na calçada, em frente ao ponto de ônibus, mulheres da vida discutem aos tapas e com safanões. O trânsito é interrompido pela polícia. O silêncio dá lugar a uma torcida ferrenha e barulhenta. O tilintar das moedas caídas no chão chama a atenção do bebê gordo e rosado no colo da mãe. O choro começa junto com as apostas. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. O cheiro quente e salgado das porções de carne e aipim deixam assanhados os estômagos ocos dos passageiros exaustos. O mordiscar crocante da massa é quase real. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. As luzes das boates e painéis luminosos ofuscam os motoristas que voltam para casa ou para qualquer outro lugar. A chuva miúda e triste

não fazia questão de evaporar. O cobrador esqueceu de fechar os vidros. A maioria dos passageiros preferiu ficar de pé a se sentar nos bancos gélidos e úmidos, o que aumentou a agonia da viagem. O ponto final está chegando. O ônibus da Avenida Beira-Mar é circular e eterno em sua dança urbana e módicca. O cão guia sobe. Um velho atrás. Apalpa o cano frio de metal do assento. As gotículas densas de água vão tomando conta da roupa rota e asseada. Um odor pútrido e macilento invade o ônibus. Passageiros levam lenços e mãos aos narizes porém, o cheiro se impregna nas roupas. Tosse e vômito de criança. O motorista passa na frente do caminhão de lixo. Parada antes do ponto final. O ônibus refaz o trajeto pela décima vez hoje.



VANESSA LUCIANA

Mediadora de leitura, designer, Escritora, ilustradora, comunicadora, e integrante da instituição Centro Cultural Comunitário Chocobim - e Biblioteca Comunitária "MANNNS" (Mulheres Amorasas Necessitadas de Navegar em Sonhos) - Seu principal objetivo é tornar a sociedade mais leitora com livros e informações de qualidade; “Desenvolvi, por meio do voluntariado no trabalho social, a percepção da importância do coletivo, da leitura como direito humano e do respeito como principal objetivo para todo sonho a ser alcançado.”

DESCOBRIR

Foi em meios do crescer e amadurecer que descobri meus medos, e muitos deles me assombram sempre quando eu me sentia sozinha e me isolava. E descobrir essa tristeza é algo difícil, e superar vem de uma força que é construída em abraços e palavras amigas em momentos e reencontros com pessoas que reconhecem o nosso melhor. Entendi que não adianta eu querer crescer sem desafios e cicatrizes porque no final, por mais difícil e doloroso que seja, me tornaram forte e me fazem descobrir também o poder do amor e cuidado do outro que é genuinamente sem cobranças, porque se é por sentimento verdadeiro não é sacrifício, é compreensão.



WESLEY MOZER

Wesley Mozer é nascido e morador da cidade de Nova Iguaçu, no coração da Baixada Fluminense, é casado com Ana Cláudia Gomes de Souza, que lhe mostrou a alegria de ser tutor de cães. Começou escrevendo letras de música, mas com o tempo encontrou sua voz na poesia. Arte que ele se dedica com prazer e como terapia também. Atualmente, está trabalhando no manuscrito do seu primeiro livro.

PANO LIMPO

Entre descalço, não limpe os pés.

A poeira vem da lapidação que estou fazendo em mim.

Deixe suas pegadas por aqui.

Eu conto com você para me contar sobre os lugares que não vi.

Eu tenho um pano limpo para tirar a poeira dos móveis.

Eu estou imóvel por conta dos meus dias sombrios.

As luzes ficam acesas quando eu durmo,

Senão me perco nos meus sonhos.

"Entre Páginas & Versos" é uma homenagem ao ato de criar, contar e emocionar, uma obra que inspira e encanta a cada página.

Trata-se de uma coleção fascinante de contos, crônicas e poemas, onde cada texto é uma expressão autêntica do talento e da criatividade de seus autores.

Nesta obra, você encontrará uma variedade de temas e estilos que refletem a riqueza da experiência humana, onde cada contribuição oferece uma nova perspectiva e uma nova emoção. A liberdade temática permite que cada autor explore seu próprio universo.

